

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

GAMA, Violeta Campofiorito Saldanha da. *Violeta Campofiorito (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2002.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC-FGV e MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**VIOLETA CAMPOFIORITO
(depoimento, 2001)**

Ficha Técnica

tipo de entrevista: história de vida

entrevistador(es): Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

levantamento de dados: Angela Maria de Castro Gomes

pesquisa e elaboração do roteiro: Angela Maria de Castro Gomes

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Niterói - RJ - Brasil

data: 29/10/2001 a 13/11/2001

duração: 3h

fitas cassete: 04

páginas: 31

Entrevista realizada no contexto do projeto "Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas", desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

Sumário

1ª Entrevista: 29.10.2001

Fita 1-A: Biografia dos pais: imigrantes europeus em Belém do Pará; ascendência italiana e espanhola; Ciclo da Borracha (1890-1913); irmãos; data de nascimento; idas do pai ao Rio e Niterói para realizar trabalhos arquitetônicos; estabelecimento da família em Niterói; curso na Escola Normal; gosto pelo magistério; alfabetização de alunos da escola primária; informações sobre a Escola Normal (currículo, professores, envolvimento e experiências pessoais); formatura (1928); origem familiar e social das alunas da Escola Normal; início da experiência pedagógica; padrão de vida da família; nomeação como professora primária em Nova Iguaçu; cursos que ali leciona; casamento (1929); filhas; informações sobre o marido e a ocasião em que se conheceram; as duas Grandes Guerras (1914-18; 1939-45); netos e bisnetos; trabalho na Escola Henrique Lage; curso de Desenho da Escola Nacional de Belas Artes (1935 a 1939); amizade com Dona Alzira Vargas e Amaral Peixoto; Revolução de 30; informações sobre o curso de Desenho da Universidade do Distrito Federal.

Fita 1-B: Informações sobre os alunos da Faculdade de Belas Artes; primeiros contatos com a Assistência Social (trabalho de Dona Darcy Vargas na Casa do Jornaleiro); trabalho social voluntário na Escola Henrique Lage; diferenças entre Assistência e Serviço Social; participação do Brasil na Segunda Guerra (1943); criação da LBA; participação no curso de voluntariado de Dona Isolina Pinheiro; Dona Alzira Vargas convoca pessoas da sociedade, diretores e professoras de colégio para criar a LBA Fluminense; criação da Escola de Serviço Social em Niterói; criação do SESI, SESC, SENAI; prestígio de Amaral Peixoto, Alzira e Getúlio Vargas; opiniões sobre Getúlio Vargas; convivência com Dona Darcy Vargas; formação religiosa; criação do curso de auxiliar social; atividades realizadas pela LBA em Niterói nos anos 40; nomeação a chefe do setor de Obras Sociais da LBA; trabalho junto aos pracinhas; campanhas lançadas por Dona Alzira à frente da LBA; envolvimento da comunidade; divulgação das campanhas; apoio de empresários e comerciantes; pagamento de pró-labore para voluntárias; trabalho voluntário nas favelas de Niterói; comissões e setores da LBA formados por Dona Alzira; atividades de Dona Violeta enquanto chefe do setor de Obras Sociais; feiras de comunidade (anos 40).

Fita 2-A: Cursos oferecidos pela LBA (defesa civil, nutrição, visitadora social); criação da Univerti - Universidade da Terceira Idade; experiência como visitadora social; recordações sobre o fim da Segunda Guerra (1945); informações sobre a Escola de Serviço Social de Niterói (criação, organização e direção da Escola; alunas da primeira turma; financiamento); ingresso e formatura na Escola (1949, 1951); exigências e procedimentos para admissão de alunas; Dona Violeta substitui Dona Yolanda Maciel na direção da Escola; mudanças realizadas por Dona Violeta enquanto diretora; localização da Escola de Serviço Social; Escola passa a ser estadual; formação da Faculdade de Serviço Social; vestibular mostra deficiência dos alunos em português; contratação de professores de Português para ministrar aulas na Faculdade.

2ª Entrevista: 13.11.2001

Fita 3-A: Escola de Serviço Social passa a ter nível estadual (1960); importância do Conselho Técnico Administrativo e do Diretório Acadêmico para a realização das mudanças promovidas por Dona Violeta na direção da Escola; intervenções da LBA na Escola; reuniões promovidas pela ABESS (Associação Brasileira de Escolas de Serviços Social); Dona Violeta é tesoureira da Associação; criação e direção da ABESS; contatos da Escola com a Comissão Internacional de Serviço Social; comentários sobre a importância da ABESS; atuação junto a ABAS (Associação

Brasileira das Assistentes Sociais); Serviço Social ligado ao Ministério da Educação; melhorias na Escola de Niterói (com apoio da Professora Maria de Lourdes Fontes e Nair Fontes, membro do Conselho Federal de Educação); criação e atuação do Serviço Social Médico; o Serviço Social de Empresas; a profissão de assistente social nos anos 50 (oficialização, mercado de trabalho); função e importância do assistente social; estágios oferecidos por empresas e hospitais; relações da Escola com a comunidade e o empresariado; prestígio político da Escola; salários pagos ao assistente social; programas de ação social montados pela ESS; criação do COSAM (Conselho de Obras Sociais de Assistência ao Menor) em 1945; trabalho com Serviço Social de Caso, de Grupo e de Comunidade; reuniões organizadas pela COSAM; envolvimento da comunidade.

Fita 3-B: Participação de Dona Violeta, então presidente do COSAM, na idealização e funcionamento do Instituto de Menores Roberto da Silveira; importância de Dona Violeta e Maria Josefa Meireles na criação da ESS de Campos; orgulho por suas conquistas; criação da CRACEF (Cruzada de Recuperação e Assistência ao Cego Fluminense); fim do COSAM; informações sobre a CRACEF (presidentes, funcionamento, importância); financiamento do COSAM e CRACEF (apoio de políticos e empresários); CRACEF cresce e deixa de ter sede na Escola; trabalho com voluntariado; equipe da Escola (Nilda Ney, Arlete Brandão); apoio da sociedade e autoridades políticas; Dona Violeta a tornar-se membro do Conselho da Casa do Estudante Fluminense; seleção de alunos para a Casa do Estudante; fundação do Pró- Arte com Deodoro Roemberg; contatos e atividades políticas; influência católica na fundação e orientação das Escolas de Serviço Social; abertura da Escola ao ecumenismo; participação do Arcebispo de Niterói na Escola; dona a Violeta é nomeada gerente do CSU (Centro Social Urbano) de Niterói; política nacional de criação dos CSUs; Geisel comparece à abertura do CSU de Niterói; fusão da Guanabara (1976); atividades e pessoas envolvidas no CSU de Niterói; criação de posto de alfabetização na Ilha da Conceição; cursos oferecidos pelos CSUs e apoio político do prefeito Moreira Franco; criação do programa de creche NOS (Niterói Obras Sociais) ao lado de Celina Moreira Franco.

Fita 4-A: Criação de creches domiciliares; supervisão de obras sociais ligadas ao COSAM: viagens a outros municípios; estágios oferecidos em outras cidades aos alunos da Escola de Seguro Social de Niterói; Dona Violeta recebe bolsa de estudo, pelo COSAM, para o Centro Internacional da Criança (Paris); viagem a Buenos Aires, pela LBA, para observar trabalho social de Eva Perón; Dona Violeta desaprova trabalho de Evita; ABESS escolhe Dona Violeta, e mais oito diretoras de Escolas, para fazer estágio nos Estados Unidos; D. Violeta lê na ONU relatório sobre os fatos observados nos Estados Unidos; participação no Seminário Internacional sobre Desfavelamento (EUA); convite de Dom Hélder Câmara para participar do projeto da Cruzada São Sebastião; comentários sobre o fim da LBA; análise do projeto Comunidade Solidária de Dona Ruth Cardoso; trabalho no CIEBS (Centro de Integração em Obras de Bem Estar Social); comentários sobre o Serviço Social e a profissão de assistente; observações finais.

1ª Entrevista: 29.10.2001

Vamos começar a entrevista perguntando sobre sua origem, seu local de nascimento, o nome dos seus pais, enfim, os primeiros momentos da sua vida.

Os primeiros momentos da minha vida foram realmente bastante interessantes. Meu pai, Pedro Campofiorito, era um pintor italiano. Artista, professor e aluno da Escola de Belas Artes de Roma, ele ganhou um prêmio de viagem e o governador do Pará o convidou para dirigir os serviços artísticos de Belém no princípio do século passado. Meu pai aceitou o convite e logo começou a fazer aquelas belas festas de Nazaré. Como um artista, foi para a igreja, a Catedral, pintou, fez muita coisa boa. Na mesma época, toda uma família de Castilho de la Vieja, em Valhadoli, imigrou para o Brasil. Era a família de meus avós, que vivia numa grande fazenda, mas começava aquela guerra na Europa, dos árabes, e o clima estava muito ruim. Exatamente por causa da onda da borracha na época, que todo mundo sabe, vieram para Belém do Pará. Mamãe, exímia costureira espanhola, começou a coser para as festas de Nazaré, conheceu o meu pai e eles se casaram. Então nasceram quatro filhos: Quirino, que morreu há pouco tempo, pintor e professor, diretor da Escola de Belas Artes; Estela, pianista com medalha de ouro; meu irmão Orlando, engenheiro, fez grandes obras no estado do Rio; e eu, Violeta, a mais moça. Todos, graças a Deus, fomos bem sucedidos. Viemos para o Rio de Janeiro e depois, para Niterói.

Como era o nome da sua mãe?

O nome da minha mãe era Delfina Paniagua, que em espanhol é pão e água. Ela era Paniagua Campofiorito e eu nasci no dia 3 de outubro de 1909, por isso estou vencendo etapas muito longas da minha vida. Eu nasci no princípio do século XX e consegui ver aparecer o terceiro milênio [risos].

É uma beleza!

Não posso dizer que não seja. Foi uma dádiva divina.

Seu pai saiu de Belém para o Rio e para Niterói. A senhora sabe o que ele veio fazer no Rio?

Detalhes, não sei. Só sei que eu era muito pequena e ele era um artista, era um desenhista, um arquiteto, um pintor muito requisitado para todas essas obras de arquitetura. Várias casas no Rio de Janeiro e aqui em Niterói foram feitas com plantas de papai. Ele teve uma vida muito intensa no Rio de Janeiro. Nessa idade eu não sabia, mas acredito que foi pela repercussão do seu trabalho que ele foi convidado a fazer essa praça bonita onde tem a Escola Normal, aqueles edifícios todos.

Hoje se chama Praça da República, onde tem o monumento à República.

Essa praça foi muito importante para Niterói, porque ela é circundada por esses edifícios importantes: o Liceu, a Escola Normal...

A Câmara Municipal.

Câmara agora, mas antes era Assembléia Legislativa. E a Política Militar ao lado, o Palácio da Justiça e a Biblioteca Estadual. Todos esses edifícios importantes foram construídos nessa época e papai foi um dos construtores dessa praça. Ítalo Campofiorito, o filho do Quirino, que também é arquiteto, guarda com muito carinho toda a história de papai, ligada a essa praça. Papai trabalhou ativamente com toda uma equipe, é claro, para a construção dessa praça. Daí, foram crescendo os serviços e ele era chamado para aqui e para ali.

E por isso a senhora veio morar em Niterói?

Exatamente.

E veio morar onde, aqui em Niterói?

Vimos para a Miguel de Frias, 206. Hoje é um grande prédio de apartamentos. E sempre morei aqui por Icarai.

Quer dizer que a senhora nasceu em Belém mas é uma niteroiense, viveu a vida inteira aqui.

Eu fui várias vezes e adoro tudo que é de Belém do Pará. Todas as coisas gostosas que tem lá, eu gosto de tudo. Fui três ou quatro vezes a Belém, depois de sair de lá, mas não tenho nem traços de nortista, porque filha de italiano com espanhola é uma mistura [risos].

Com olhos e cabelos claros, faz o tipo da descendente de imigrantes mesmo. A senhora falou que a sua mãe costurava muito bem. Ela era muito prendada?

Era muito prendada, costurava bem. Por isso, logo foi chamada para as festas de Nazaré, para fazer aquelas roupas bonitas.

E depois que se casou, ficou tomando conta da casa, dos filhos?

Só ficou tomando conta da casa, fazendo aos domingos reunião dos amigos e dos filhos. E meu pai gostava de macarronada, aquelas coisas todas. Ela fazia muito bem tudo que era italiano. Então, ficou dona de casa sempre. Faleceu até muito jovem, mas não tinha nenhum emprego.

A senhora fez, depois da escola primária, a Escola Normal. Foi escolha sua?

Sim, até hoje sinto que minha vocação, minha tendência maior era ser professora. Eu fazia várias coisas, porque eu sou meio polivalente, mas o que eu gostava de fazer mesmo, para o que sentia vocação, era o magistério. Eu alfabetizei mais de 3 mil pessoas na escola primária, muita criança. Tinha cursos para empregadas domésticas, para tudo, quando eu ensinava. Alfabetizei muita gente.

A Escola Normal, na época, funcionava no prédio do atual Liceu Nilo Peçanha?

Funcionava. No prédio, tem retratos de todas as épocas, das formaturas, e eu estou lá. Naquele tempo, era diretor o doutor Armando Gonçalves, um grande professor, um grande educador. Era o nosso diretor na época.

A senhora gostou do curso normal, quando a senhora fez?

Gostei. Me senti realizada e quando eu estava lá, desde o terceiro ano da Escola Normal, já tinha alunos, já trabalhava em educação. Era uma tendência realmente muito forte.

A senhora lembra quais eram as matérias da Escola Normal?

As matérias todas do currículo de segundo grau hoje: português, francês, inglês, história natural, geografia, desenho, educação física, enfim, as matérias curriculares que se mantiveram sempre presentes. Em história natural eu era a primeira aluna, até parece que eu tinha muita tendência, mas a minha tendência mesmo era o magistério.

Os professores eram bons?

Muito bons. A minha professora de francês era tão boa que, depois de formada, quando eu já era diretora da Escola de Serviço Social, dona Alzira Vargas me deu uma bolsa de estudo na França. Eu já era professora formada, já tinha idade, mas o único francês que eu usei, e fui oradora da turma, foi o que eu aprendi na Escola Normal. Depois fiz uns cursinhos, mas o forte da língua eu aprendi com a professora de francês. Os professores eram todos muito bons.

O curso era difícil, era puxado?

Era muito puxado. Os alunos tinham que estudar muito, senão eram reprovados. Acho que o ensino mudou muito. Antigamente, o ensino era muito bonito, muito altivo. Todo mundo tinha encantamento por aprender e ensinar. Agora não sei nem se é bom aprender, muito menos se é bom ensinar. O ensino passou por épocas muito difíceis, mas na minha época, quando eu era da Escola Normal, ele era levado a sério, muito sério, os professores eram muito bons.

E a senhora lembra das colegas da sua época, suas colegas de turma?

Ah, tinha várias colegas. Continentina, Antonina, cada uma foi para um lugar diferente. Não vou lembrar de repente dos nomes – a maioria já morreu. Mas de qualquer maneira, era um coleguismo muito grande. Nós tínhamos uma afinidade, um amor muito grande pela escola, pelo ensino, pelos professores. Criávamos centros culturais, eu declamava, gostava um pouco de aparecer [risos]. De repente, criamos um centro cultural e as colegas todas declamavam, ninguém queria ir para casa no fim de semana. Todo mundo gostava tanto da Escola Normal que ficava lá para fazer as horas de arte conosco. E naquele tempo, diziam eles, eu era bem dotada, era muito comunicativa, muito assim... o pessoal gostava de mim e eu fui eleita a rainha das normalistas.

Isso foi quando? Porque a senhora se formou em 1928, com 19 anos.

Com 20 anos eu já era formada. Me formei na Escola Normal e já tinha uma turma de alunos, já lecionava...

E foi nessa ocasião que a senhora foi eleita rainha das normalistas?

Quando eu era aluna do terceiro ano da Escola Normal de Niterói, houve um concurso por causa dessas coisas culturais que a gente criava. Houve um concurso e naturalmente, como eu era muito animada.

Muito bonita também, não é?

Dizem que era, eu não acho. Mas fui eleita e tudo bem. Até hoje encontro pessoas da minha idade, daquela época, que se lembram.

As moças que faziam Escola Normal nessa época, nos anos 20, vinham de famílias melhor situadas ou havia também moças mais pobres?

Acho que a maioria era mais pobre. Naturalmente, as famílias mais tradicionais tinham aquelas escolas que formavam pessoas de mais alto nível social. Não digo que não houvesse na escola algumas pessoas desse tipo, mas a maioria era da classe média para baixo.

As meninas mais ricas faziam as escolas religiosas.

Tinham aquelas escolas que a gente sabe, tradicionais...

Dona Violeta, logo depois que a senhora se formou, começou a dar aula...

Com 15 anos eu já tinha alunos.

A senhora foi dar aula porque quis?

Porque eu quis só não; eu quis também. Acontece que, naquela época, um arquiteto não tinha salário tão alto. Eram quatro filhos estudando, os meninos no Colégio Brasil, minha irmã na Escola Aurelino Leal e eu na Escola Normal. E todos gastando muito, morando bem, tendo uma vida regular e boa, porque mamãe agüentava uma vida muito boa para a família. Não era fácil naquela época, como não é agora e nunca foi. Então, eu precisava ganhar meu dinheirinho até para ajudar na merenda, nas coisas. Às vezes eu ia a pé para o Liceu, porque nem sempre a gente tinha dinheiro para pagar passagem. Tinha que fazer qualquer coisa, todos nós tínhamos um biquinho; era muito comum naquela época.

E quando a senhora se formou, foi dar aulas como professora primária em Nova Iguaçu. Era um grupo escolar?

Era. Eu tirei o segundo lugar. Se tivesse tirado o primeiro... Dila Continentina, uma grande educadora, teve mais uns dois ou três pontos que eu e foi nomeada para Niterói, merecidamente, e eu fui nomeada para Nova Iguaçu. Fiquei lá uma temporada excelente, em um grupo escolar muito bom. Mas como eu me formei e logo depois me casei, não podia ir todos os dias a Nova Iguaçu. Eu

estava esperando neném e ficava difícil dar aulas todos os dias. Então a diretora me deixou ir duas vezes por semana e eu dava aula de todas as matérias. Aí me convenci que era meio diferente, porque era professora de desenho, de educação física, das matérias que eram necessárias. Eu conhecia bem todas as matérias, fazia alfabetização, era professora de música, porque eu toco piano também. Minha irmã era pianista e eu sou *pianeira*, mas naquela época eu já conhecia um pouco de música – fui até o quinto ano. Então, dava aulas de música, recreação, tudo que a escola precisasse de um professor especializado, duas vezes por semana.

E como a senhora ia até lá?

Meu marido me levava, porque atravessar barca naquele tempo era perigoso. Ele ia comigo até o Rio e, de lá, eu ia de ônibus até Nova Iguaçu.

Seu marido levava a senhora na barca?

Na barca, sempre atravessei na barca. Minhas duas filhas estudavam no Instituto de Educação do Rio e meu marido também as levava, sempre de barca. Minha família era de nível médio, não era muito para lá de rica, nem para lá de pobre; era mediana.

Ele acompanhava a senhora na barca até o Rio e depois...

Depois me colocava no ônibus e eu ia.

Era uma viagem, não?

Muito longa.

Quanto tempo mais ou menos?

Nunca menos de uma hora e meia.

E na volta, ele esperava a senhora onde?

Nas barcas, para voltar comigo.

Ele também ficava lá no Rio, nas barcas...

Quando era necessário, não que fosse sempre. Em determinados dias havia isso, outras vezes não. Porque eu também já era adulta bastante para poder andar sozinha.

Como era o nome do seu marido?

Eduardo Arnoud de Saldanha da Gama.

Ele era da Marinha.

Era, ele era de uma família da Marinha de Guerra. Todos os Saldanha da Gama, primos dele, eram da Marinha de Guerra. Meu marido, quando chegou a idade de ir para a Escola Naval, o pai faleceu e a mãe não tinha muitos recursos. Ajudado pelos primos, ele foi para a Marinha Mercante. Com 19 anos, foi dirigir navios; foi um grande comandante da Marinha Mercante. Não foi para a Marinha de Guerra, mas na Marinha Mercante teve muita tradição. Inclusive, fez a guerra. Ele foi para Paris num navio brasileiro que ficou dois anos preso na Europa. E ele ficou lá.

Isso na ocasião da Segunda Guerra Mundial?

Na Segunda Guerra Mundial eu já era casada. Foi na Primeira Guerra Mundial; ele tinha 19 anos e participou como comandante de navio. Depois continuou na vida da Marinha, até que se casou comigo.

Como a senhora o conheceu?

Eu sempre gostei muito de dançar, e meu marido era um dançarino emérito porque, nesses dois anos em Paris, ele ganhava a vida dançando. Tango argentino, os mais difíceis passos de dança do

mundo inteiro ele sabia; era um grande dançarino. No Clube Central, aqui em Niterói, que ainda existe, toda domingueira eu ia e numa delas o encontrei. Embora fosse 11 anos mais velho do que eu – eu era muito menina ainda –, ele era muito jovial para a idade que tinha. O casamento correu normalmente. Como todos, teve altos e baixos, tudo bem. Tive duas filhas. Hoje tenho seis netos, 13 bisnetos e um trineto, filho de uma bisneta, que nasceu outro dia; chama-se João.

Que beleza! Parabéns, dona Violeta.

É uma trajetória boa [risos].

Uma conquista. Em que ano a senhora se casou?

Em 1929.

Ah, então a senhora se formou e, no ano seguinte, se casou.

Exatamente.

E o seu marido era uma pessoa compreensiva? Porque não era muito comum os maridos acharem que as mulheres deviam trabalhar.

Não era não, ele era decidido. Ele não gostava que mulher trabalhasse fora, mas eu tinha que trabalhar porque tudo era difícil naquela época. Então eu trabalhava mesmo, como professora primária, e depois fiz concurso para outra escola: Henrique Lage.

Então a senhora fez um concurso e entrou para Escola Industrial Henrique Lage?

É, eu fui da escola primária muitos anos, mas depois houve um concurso para as escolas Henrique Lage e Aurelino Leal, ambas do estado. Fiz o concurso e passei nas duas. Escolhi Henrique Lage, no Barreto, e foi lá que eu me aposentei como professora. Também tive aposentadoria federal, porque depois fui para a Universidade. Mas nível médio, era na Escola Henrique Lage, que até hoje existe.

Porque a senhora escolheu a Escola Henrique Lage, que era uma escola técnica, uma escola industrial?

Vocês conhecem de nome, pelo menos, o professor Pimentel? Escritor, escreve muito. Ele era professor de desenho da Henrique Lage, mas foi convidado a ir para o Japão na época em que eu estava fazendo concurso. Como eu tirei o primeiro lugar, fui para a vaga dele e fui logo efetivada em desenho. Foi aí que eu, como toda pessoa muito responsável, achei que o desenho que eu conhecia era muito pouco para ser professora de nível médio e me matriculei na Escola de Belas Artes. Meu irmão Quirino era diretor e eu fiz o curso de quatro anos. Fiz o curso inteirinho da Escola Nacional de Belas Artes como professora de desenho, não tive nenhuma proteção não. Isso me atrasou um pouquinho a entrar no serviço social, porque eu estava no final do curso quando, com dona Alzira, criamos a Escola de Serviço Social. Eu não pude ir para a primeira turma porque estava terminando a Escola Nacional de Belas Artes.

Antes, quando houve a Revolução de 30 e Getúlio Vargas tomou o poder, a senhora já estava formada, já estava casada. A senhora lembra, participou, tomou algum partido? O que a senhora achou daquilo tudo?

Realmente, na minha cabeça isso está um pouco confuso. Eu sempre trabalhei muito e tinha pouco tempo para participar dessas coisas. Eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite; e tinha muitos alunos. Participei sim, participei bastante nessa época porque sempre fui muito amiga da dona Alzira. O almirante Amaral Peixoto foi quem me nomeou para a direção da Escola. Eles foram sempre meus amigos e eu sempre participei de tudo que eles idealizavam. Eu estava sempre com eles.

Ainda em relação aos seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, a senhora se formou em 1939 como professora de desenho. A Escola pertencia à Universidade do Distrito Federal (UDF), criada pelo Anísio Teixeira, um grande educador. Esse curso era bom?

Muito. Como eu vivia numa casa de artistas, já era muito vocacionada para o desenho e os professores da época, não vou me lembrar o nome deles agora, eram todos muito bons. Meu irmão era diretor, mas também era professor e eu tive a melhor formação, apesar de ter um pouco de resistência do marido, que não concordava mas reconhecia a minha necessidade de estudar para melhorar o nosso padrão de vida. A Escola de Belas Artes era muito boa, era uma família.

O curso, que era de quatro anos, funcionava aonde?

No mesmo lugar que hoje funciona, ali no Museu, na Avenida Rio Branco.

No próprio prédio em que é hoje o museu?

Ali mesmo.

Quais eram as disciplinas nesse curso superior de Desenho?

O currículo era muito grande, porque não era só desenho que a gente estudava. Na aula de desenho vivo, tinha que estudar anatomia. Era forte o ensino da matemática, por exemplo.

Nessa época, os arquitetos faziam Escola Nacional de Belas Artes, não?

Faziam, porque arquitetura era junto com a Escola. Meu irmão Orlando fez arquitetura na Escola de Belas Artes. Depois é que separaram arquitetura e pintura. Eu tinha um professor de pintura muito bom. As matérias didáticas eram muito bem ensinadas e muito bem aproveitadas. Quer dizer, fiz um curso que me fez passar em primeiro lugar na Henrique Lage. Entrei no curso quando já estava dando aula, como substituta. Depois, quando houve o concurso, eu já estava na Escola de Belas Artes. Passei em primeiro lugar, concorrendo com grandes professores; sinal que a Escola de Belas Artes estava me dando um conteúdo muito bom. Tudo que é meu foi muito estudado, nunca recebi muita coisa de bandeja.

A senhora deixava as suas filhas com quem? Porque era difícil a mulher trabalhar...

Era muito difícil, mas como eu disse a vocês, minha mãe não trabalhava fora e eu morei sempre com ela ou perto dela. Ela foi um baluarte enquanto viveu. E minha irmã Estela, professora de piano de quase todos os colégios de Niterói, era casada mas não tinha filhos. Minhas filhas eram filhas dela, porque ficavam mais tempo com ela do que comigo. Então morávamos todos perto da casa que papai construiu na Rua Mém de Sá, 24, depois de muitos anos aqui e lá. Morávamos todos perto, estávamos sempre muito unidos e realmente a minha irmã Estela me ajudou demais; e a minha mãe também.

Era uma grande família.

Muito unida, nossa família foi sempre muito unida.

[FINAL DA FITA 1-A]

Na sua turma da Escola Nacional de Belas Artes, havia muitas mulheres ou eram mais homens?

Havia mulheres sim, porque eu não estava no curso de pintura. Eu estava no curso de educação, quer dizer, para professor e, por isso, tinha mais mulheres que homens. Geralmente, no magistério tinha homens também, mas era mais procurado pelas mulheres. Muitos estavam no curso regular da Escola, e depois passavam para o curso de professores porque viam que tinha um ganho mais imediato. E, naquela época, os colégios todos tinham professores de desenho.

Dona Violeta, a senhora já mencionou que foram nessa ocasião seus primeiros contatos com os trabalhos de assistência social. Como isso aconteceu? A senhora também já mencionou que era amiga de dona Alzira Vargas.

Era sua admiradora, sempre fui. E de dona Darci também, a quem eu ia ajudar lá na Casa do Pequeno Jornaleiro.

Pois é, como começou seu trabalho com assistência social? Teve a ver com dona Alzira ou não?

Não. O conhecimento de Dona Alzira foi posterior, porque na Henrique Lage, onde fui professora por muitos anos, eram todos estudantes de nível médio e de família muito pobre, de morar em favela. Gente muito humilde que não tinha nada, nem uma sopa, não comiam nada. Eu, no momento em que entrei para a educação na Henrique Lage, comecei a fazer assistência social voluntária. Criei vários conselhos, todo mundo trabalhava. Criei a sopa escolar, em que o estado foi obrigado a dar uma sopa escolar e um almoço. Criei a visita dos comitês de alunos que formei lá. Sempre tive vontade de fazer comitês, comissões. Então, tinha várias comissões. Um dos melhores alunos que tive ficou tuberculoso, mas foi curado graças à assistência que a escola deu por intermédio do serviço de assistência social que eu liderava. Eu dava minhas aulas e ainda fazia isso. Então o social entrou em mim pela Escola Henrique Lage. Houve um ano em que, no final, todos os alunos lamentaram: “Que pena a nossa escola ser tão inferior. As escolas particulares têm formatura, os alunos ganham sapato, ganham tudo e nós temos uma formatura simples.” Dona Violeta foi a campo. Eu me dava demais com o pessoal do comércio, sempre tive muito boas relações. Consegui presentes para eles: todos ganharam sapato, todos ganharam um terno e fizemos uma formatura na Henrique Lage como a de qualquer ginásio. Desse momento em diante, os alunos se sentiram muito melhor. Eles eram muito humildes, mas daí por diante começaram a lutar para obter aquilo que eu tinha dado.

Por isso, quando me liguei à assistência social, tive vontade de fazer o curso. Porque eu não gosto desse nome assistência social. Assistir, dar hoje, dar amanhã, depois de amanhã precisa e dá outra vez. Saber dar é muito difícil. Assim, a assistência social que existiu sempre no Brasil, que eu conheci, não era do meu agrado. Eu estava louca para entrar em uma escola e aprender a fazer serviço social, que é justamente o oposto. Começa pela assistência, mas depois o serviço social ensina o cliente a pescar, enquanto a assistência social dá o peixe hoje, amanhã e depois. Então, “ajudar a ser” é o lema em que eu acreditei desde o primeiro dia que freqüentei a escola de serviço social. Comecei a entender a diferença e o valor do serviço social, e que se tinha que acabar com esse negócio de assistencialismo no Brasil, que não acabou nunca. Mas de qualquer maneira, eu sempre tive esse ideal. Por isso, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, em 1942, a Legião Brasileira foi criada. Dona Alzira era esposa do interventor Amaral Peixoto e nós todos, diretores e professores de projeção, fomos chamados para uma reunião. Aí eu conheci dona Alzira e comecei a ficar muito amiga dela. A LBA Fluminense foi criada com esse grupo de diretores de escola, todos ao lado de dona Alzira, e senhoras da sociedade. Dona Darci já tinha criado a LBA no Rio de Janeiro.

A senhora lembra onde foi essa primeira reunião convocada por dona Alzira?

Acho que deve ter sido no palácio, se não me engano.

Onde ela morava.

Ela morava no Palácio do Ingá. As reuniões em geral eram lá. Mas às vezes fazíamos na Academia de Comércio, que tem um grande auditório; deve ter sido lá. Quando a LBA foi criada, já tinha prédios próprios, centros sociais. A Legião Brasileira tinha centros sociais em vários pontos de Niterói. Havia salões bons para reuniões e dona Alzira era muito participante. Ela convidava cada vez para um lugar e nós fortalecemos a idéia de criar uma escola de serviço social em Niterói.

Foi a primeira vez que a senhora viu dona Alzira?

Bom, não sei se foi a primeira vez, porque quando o Almirante foi nomeado, eu já era uma autoridade e as autoridades eram sempre convidadas para as horas de posse. Então eu já a conhecia, mas não tinha essa intimidade de depois, na LBA.

A senhora falou da utilização de prédios da Academia de Comércio. A LBA teve apoio do empresariado, não?

Na mesma época foram criados o SESI, o SESC, o SENAI, o SENAC e foram surgindo esses auditórios grandes.

Dava para sentir que o empresariado se interessava por essa iniciativa?

Muito. Na época que dona Alzira esteve aqui com o Amaral Peixoto, houve uma ordenação política muito boa. Eles eram verdadeiros líderes e por isso é que havia uma comunhão em que todo mundo queria colaborar, como voluntário. Então, foi muito pela personalidade do casal. É claro que o pai de dona Alzira estava por trás de todas essas conquistas.

Aliás, dona Violeta, o que a senhora achava do pai de dona Alzira, o doutor Getúlio?

Doutor Getúlio Vargas eu não conheci muito. Poucas vezes o vi e não cheguei a fazer um julgamento. Eu gostava dele, de vários aspectos do que acontecia enquanto ele estava à frente. Depois que a gente foi tomando conhecimento daquela política, foi se deteriorando. Mas na verdade eu apreciei muito Getúlio Vargas.

Nessa ocasião da guerra, no início da LBA, a senhora achava que a política do Getúlio Vargas...

Era melhor. Sempre achei. Dona Darci era formidável. Ela criou a Casa do Pequeno Jornaleiro e eu ia lá ajudar a coser, às vezes. Na época, já estava com dona Alzira aqui na LBA e aprendi a admirar o Getúlio Vargas pela convivência com dona Darci. Ela era uma pessoa maravilhosa. Embora eles tivessem uma vida difícil, porque todos eram líderes, ela o admirava muito. E eu estava sempre com ela e gostava do Getúlio Vargas.

Então a senhora teve uma boa convivência com dona Darci?

Muito boa, fui muitas vezes lá coser com ela.

O que mais a senhora fazia na Casa do Pequeno Jornaleiro? Como ela funcionava?

Ah, ali se reuniam voluntárias para fazer costura, que nem a Casa da Amizade faz agora, o Rotary Clube, esses serviços todos. As mulheres se reuniam para fazer costura para os pobres e outras coisas que aparecessem, inclusive para a educação daqueles menores. Eu ajudava em todos os setores que a Casa do Pequeno Jornaleiro precisava. Eu e outras amigas da dona Darci.

Era uma coisa de rotina, a senhora ia toda semana?

Nunca foi de rotina, de ir toda semana, porque como vocês viram pela trajetória da minha vida, eu tinha muitas ocupações. Mas eu encontrava sempre uma data certa para ir, quer dizer, se eu escolhia a primeira quinta-feira do mês, eu ia toda primeira quinta-feira do mês. Mas freqüentemente, eu não podia porque tinha outras atividades, vários compromissos.

Qual é a sua formação religiosa?

Sempre fui católica apostólica romana; sempre fui e até hoje sou. Agora acho que cheguei em um momento da vida em que não sou mais praticante, depois da idade. Mas sempre tenho no meu coração a Igreja Católica. Eu fui diretora do Centro Social Urbano na Ilha da Conceição e tive oportunidade de encontrar um padre maravilhoso, um bispo ultramaravilhoso e um espírita supermaravilhoso, três grandes amigos, e fizemos uma espécie de ecumenismo. Através desses meus amigos, passei admirar as outras religiões. Todas as religiões são boas, o negócio é a gente querer ser boa, ser certa. Pode ser católica, pode ser muçulmana, pode ser o que for. Se a pessoa tem uma boa consciência, é generosa, é boa, é solidária, toda religião é boa. Elas praticam sempre a

mesma coisa, todas elas caminham para o Ser Supremo, pode se chamar Deus, pode chamar como quiser, que todas elas têm o mesmo objetivo. Então, eu hoje sou ecumênica, gosto de todas as religiões, mas sou católica apostólica romana.

Dona Violeta, a senhora nos contou que dona Alzira, para formar a LBA, fez uma reunião e chamou professoras e diretores de colégios de Niterói e também pessoas da sociedade.

Foi nessa época que dona Alzira fez a primeira reunião. Dessa reunião surgiram várias soluções, inclusive o convite a dona Maria Izolina Pinheiro, que era uma grande professora na escola do Rio, para vir dar o curso de voluntariado, que foi muito bem freqüentado.

A senhora podia falar mais desse curso de voluntários? Veio uma professora que já trabalhava em serviço social no Rio?

Ela era diretora de uma faculdade de serviço social.

Já existiam escolas?

Várias escolas. E dona Maria Izolina era diretora de uma delas. Era muito amiga de dona Alzira e veio dar o curso. Não é para eu estar dizendo isso agora, mas o trabalho foi Serviço Social de Comunidade e eu tive 10. As aulas foram tão boas que nós apresentamos um trabalho com umas 40 ou 50 pessoas.

Quem fazia esse curso de voluntariado? Eram mulheres, Dona Violeta?

Mulheres.

Não tinha nenhum homem?

Serviço social durante muito tempo era só de mulheres. Depois é que começaram a vir os homens. De qualquer maneira, nesse curso de voluntariado eram umas 40 ou 50 senhoras; tinha de tudo. Mas como eu já tinha uma experiência de serviço social na Henrique Lage, é claro que logo fiquei dirigindo grupos, aquela coisa toda. Como eu estava terminando belas artes, não queria assumir nenhum papel. Mas sempre estive ao lado de dona Alzira: escolhemos e alugamos a casa e criamos a Escola de Serviço Social. E uma escola de São Paulo foi convidada para vir dar as primeiras diretrizes.

A senhora falou que, entre as 40 a 50 mulheres que estavam fazendo esse curso da professora Maria Izolina, tinha de tudo.

Tinha de tudo, quer dizer, de todos os níveis. Tinha gente até de primário, porque não era obrigatório o título de grau de conhecimento. Eram pessoas de boa vontade, por isso era voluntariado. Acontece que esse voluntariado que se apresentou, que fez o curso, depois foi para a escola, muito bem fundada pelo pessoal de São Paulo. Elas criaram, para essas voluntárias, um tipo de curso paralelo que se chamava auxiliar social. As que tinham categoria, nível médio pelo menos, iam para o curso de auxiliar social, no mesmo momento em que era criado o curso de serviço social. Esse curso só se tornou de nível superior depois. Mas de qualquer maneira, essas pessoas, durante dois anos, fizeram o curso de adaptação e depois conseguiram fazer o de nível superior.

Essas 40 ou 50 mulheres foram fazer o quê? Que tipo de trabalho a LBA, no início, fazia aqui em Niterói?

A LBA fazia muito trabalho social, precisando desse grupo de pessoas que foi alertado para o bem estar social, fazendo serviço social voluntário. Niterói tem muitos morros, muitas favelas e um grande número de pracinhas foi para a guerra. E os pracinhas foram todos das regiões mais pobres de Niterói, do estado do Rio, onde também estávamos. Eu ficava mais em Niterói, mas muitas eram de outros municípios. Então essas pessoas foram chamadas pela LBA, como um voluntariado, recebendo pró-labore para ajudar no trabalho de assistência aos pracinhas. Eu, por exemplo, subi

morros para levar cartas para a família dos pracinhas: eu e todas as minhas colegas voluntárias. Estou falando não do tempo de formada, mas do tempo em que era voluntária.

No início da LBA.

Dona Alzira logo me destacou. Não sei se por que ela simpatizou comigo, logo me nomeou chefe do Serviço Social, das obras sociais da LBA. Eu comecei a trabalhar com as obras sociais e a levantar fundos; tudo isso ao lado dela.

Nesse primeiro momento era tudo voltado para a guerra, para os pracinhas?

Até acabar a guerra, tudo era voltado para os pracinhas, tudo era relacionado com a guerra. A quantidade de cartas que vinha para a gente entregar nas favelas, e levar alimentos para as famílias dos pracinhas que estavam passando fome, tudo isso. A LBA fez um belíssimo trabalho. Eu lamento que ela tenha ficado tão ruim que acabou.

Dona Violeta, qual era o trabalho? Tinha a questão da correspondência, da distribuição de alimentos, e o que mais?

Roupas, nós fazíamos campanhas. Dona Alzira lançou campanhas em que faziam filas enormes para entregar mantimentos. O que se faz agora, de vez em quando, para o Nordeste. A gente fazia campanhas, o comércio, todo mundo ajudava. Nós ajudávamos às famílias dos pracinhas, que estavam passando fome porque o chefe foi embora.

Para motivar a população a ajudar, como vocês faziam?

Usávamos todos os recursos na época possíveis. Havia comunicação telefônica, rádios, já havia rádios. Eu me lembro que eu era muito saída e ia para o rádio falar, para todo mundo que quisesse ouvir, que no dia tal, quem tivesse um mantimento levasse; e enchia de mantimentos. Aliás, até agora acontece isso, o povo é muito solidário. Se você fizer uma boa campanha, aparece muito benefício e, naquela época, começando, a gente recebia muito benefício para levar para os pracinhas.

Os comerciantes ajudavam?

Muito. Olha, a gente estava comentando que no meu tempo pediam aqui e ali para uma Escola Pestalozzi. Eu sou de sessenta e tantas obras, e com 20 anos coordenei, em Niterói, a Pestalozzi, APAE, tudo isso. Então, se você for à Pestalozzi, vê salas de aula, prédios importantíssimos construídos pelos empresários. Eles ajudavam demais. Agora não, agora está todo mundo numa pior. A gente vai procurar um empresário e ele não tem dinheiro para nada.

Nesse momento inicial, ajudavam bastante?

Era muito fácil.

Essas pessoas que fizeram o curso de voluntariado para ser auxiliar, que trabalharam nesse momento inicial na LBA, chegavam a receber um pró-labore?

Eu acho que quando nós começamos com dona Alzira, nessa fase de voluntariado, havia pró-labore sim. Mas havia várias campanhas, vários tipos de trabalhos, eu agora não me lembro bem. Eu era do serviço social, mas havia outros tipos de frentes de trabalho que não eram feitos pela assistência social. Todas colaboravam com dona Alzira em várias frentes e eu tenho a impressão que todos recebiam um pró-labore, porque naquela época, como agora, as pessoas voluntárias faziam isso num período e depois não podiam continuar, porque tinham que pagar passagem, comida e tudo isso. Dona Alzira sempre foi muito generosa.

A população recebeu bem esse trabalho de assistência da LBA?

Muito bem, a população toda. Todas as promoções que a LBA fazia eram muito respeitadas pela população toda. Aceitavam, colaboravam muito e acho que esse foi o período áureo que nós tivemos.

Eu queria me referir às próprias famílias que moravam no morro, por exemplo. Como a senhora falou, as pessoas iam entregar cartas. Isso era bem recebido pela população que morava no morro, e pelas famílias?

Era muito bem recebido. Os morros de Niterói, que agora dobraram, naquele tempo eram menores. Havia frequência do nosso grupo; nós tínhamos um grupo e uma coordenadora. Havia uma assistente social aqui, que já faleceu – Carmem Kingston – muito católica. Era do meu grupo da LBA, amiga de dona Alzira. Ela tinha uma bicicleta e ia aos morros na frente de todo mundo; a gente ia à pé e ela ia de bicicleta, cheia de encomendas e fazia um bem enorme àquela gente. Eles eram muito receptivos, a gente sentia a gratidão. Eu acho que esses sentimentos mais nobres, com a ação dessa política maligna, estão desaparecendo. Naquele tempo, não; pessoas humildes eram nobres e nos agradeciam. Elas ficavam felizes por receber, entendiam que aquilo era uma solidariedade, era amizade e amor ao próximo. Acredito, através desses 70 anos em que eu trabalhei, que a coisa mudou em várias áreas diferentes; vocês sabem tão bem quanto eu.

Nesse primeiro momento, vocês discutiam isso ou faziam porque a necessidade era grande, era época de guerra? Como é que funcionava essa engrenagem da LBA?

Acho que funcionava muito bem. Porque dona Alzira, logo no começo, formou comissões e chefias na LBA. Então havia categorias: eu era a chefe do Serviço Social de Obras Sociais, mas cada setor tinha uma chefe e a chefe tinha as auxiliares.

A senhora lembra dos setores, das comissões? A senhora era a chefe do Setor de Obras Sociais; havia outros setores?

Havia, havia o próprio serviço social. Porque a LBA atendia o caso social e nos centros comunitários criados, fazia-se trabalho comunitário e trabalho de grupo social. O trabalho da LBA, no começo, foi muito bom, muito positivo. Até onde eu presenciei, foi muito bom.

Trabalho de grupo social como, Dona Violeta?

Bom, quando a gente faz o curso de serviço social, a gente aprende a trabalhar com o caso, com o grupo e com a comunidade, que é um pequeno grupo.

Então já havia, nesse momento inicial do voluntariado, pessoas que cuidavam de grupos?

Certamente. Dona Alzira, bem relacionada como era, conhecia todas as escolas de serviço social do Rio de Janeiro. Na PUC, todas eram conhecidas dela. Acredito que ela tenha convidado pessoas de categoria, porque eu não era de categoria naquele tempo. Eu tinha muita experiência, muita vontade de acertar, mas depois que fiz o curso de serviço social, melhorei muito. Eu não tinha conhecimento, antes de fazer o curso. Era uma pessoa que tinha jeito para trabalhar com o social, mas ela deve ter trazido pessoas do Rio de Janeiro, da PUC de São Paulo para auxiliarem nas chefias. Sei que fiquei muito ligada a ela e com as obras sociais porque conhecia todas.

O que é que a senhora fazia nessas obras sociais?

Eram várias promoções para beneficiar as obras. Primeiro, a gente orientava tecnicamente a obra para ter o seu estatuto. Eu fiquei formada em estatuto; fiz estatuto para tudo quanto foi obra social, porque elas se governavam voluntariamente, com uma certa desorganização. Então, eu fazia reuniões com as chefes para fazer o intercâmbio entre as obras; quem tinha mais conhecimento passava para a outra. Essas coisas de direção, como fazer requerimento, nas obras não se tinha muito conhecimento. No grupo legionário onde eu era a chefe, a gente ia a cada obra fazer reunião com elas e daí surgiu a idéia de uma feira de comunidade. Ano passado houve a trigésima feira de comunidade para as obras sociais apresentarem os seus produtos.

Onde é que vocês faziam essa feira de comunidade?

No Estádio Caio Martins. As melhores foram no começo, quando dona Alzira ainda estava viva, ainda estava agindo.

Fale um pouquinho dessas feiras de comunidade.

Essas feiras de comunidade foram muito boas porque, no Caio Martins, claro, tinha que ter apoio do governo, apoio do empregadores, do SESI, do SESC, tudo isso. Entrava a coordenação, cada um fazendo um papel dentro do esquema de necessidades que a gente estabelecia. As obras sociais se inscreviam para apresentar os produtos, até a última era assim, a Pestalozzi, a Reabilitação, e faziam o seu *stand*. Elas se ocupavam para fazer o melhor possível; colocavam os seus produtos durante três dias. Enfim, eram três dias, sexta, sábado e domingo, de festa em Niterói. No começo, elas vendiam tudo, todas elas tinham uma boa renda. Depois foi ficando cada vez mais difícil.

Isso começou a ser feito nos anos 40, no início da LBA, quando a senhora estava na chefia do setor de obras?

É, eu organizei, eu que fiz essas feiras de comunidade.

Foi idéia da senhora?

Minha e de uma equipe que me entendia. Como sempre fui muito ligada aos prefeitos, às autoridades, tinha muita passagem em todos os lugares, muita facilidade. Essas feiras foram muito boas, até a vigésima, depois...

Ela rendia dinheiro, e o dinheiro revertia para as obras?

Tudo. Por exemplo, a APADA¹, de surdos, fazia um almoço. O SENAI tem aquele restaurante, então ela fazia um convênio com o SENAI, e o SENAI colocava o restaurante para funcionar. As despesas eram todas pagas. Todo o lucro era da APADA. Na feira de comunidade, ninguém tinha lucro; era todo das obras sociais. Então elas tinham um bom lucro.

O que se ganhava ia para um lugar e depois era dividido?

Não, eu que fiz o regulamento, por isso me lembro. Todo o lucro que a obra tinha, era dela. Tudo era possível, para fazer dinheiro. E tudo que elas ganhassem era totalmente delas. Não pagavam nada pelo *stand*; não tinham despesas. O governo ajudava, porque nós fazíamos com a prefeitura.

[FINAL DA FITA 1-B]

Voltando à Escola de Serviço Social. Tinha muita gente querendo fazer o curso?

Muita gente. Era aquela turma de voluntárias de auxiliar social que veio daquele curso e que ficou dois anos se adaptando ao curso de serviço social. Depois tiveram o diploma.

Esse primeiro curso que a senhora falou, demorou quanto tempo mesmo?

Foi rápido, porque na época a emergência era importante. Tinha a defesa civil; eu não disse que tinha vários cursos? Eram cursos muito heterogêneos! Havia até gente analfabeta. Podia ter uma senhora, líder que fosse, não digo analfabeta, mas que não tinha referencial nenhum, e tinha gente de curso universitário. Tinha tudo.

E quem ministrava as aulas?

Era a Maria Izolina Pinheiro.

¹ Associação dos Pais e Amigos do Deficiente da Audição

Ela é que dava todo o curso todo?

Dava, porque era uma professora de serviço social completa. Mas ela trouxe colegas do Rio, da escola em que era diretora, que deram aulas também.

E essas aulas eram onde?

Os empregados do comércio cediam as salas para as aulas, mas não estou me lembrando se no Liceu também houve aulas. Dona Alzira tinha Niterói inteiro, o estado inteiro para escolher.

Havia gente de outros municípios?

Havia, porque a LBA é estadual. Houve professoras do interior que fizeram o curso de assistente social e voltaram para seus municípios.

Mas o curso preparava voluntárias para ações diferentes?

Depois a pessoa procurava aquilo que mais gostava de fazer.

Nesse curso havia pessoas que se preparavam para ser visitadoras sociais, auxiliares, e outras para ser nutricionistas, por exemplo?

Dona Alzira deu vários cursos, nutricionismo era um deles.

A senhora fez nutrição?

Não, eu fiz o curso de dona Maria Izolina, de visitadora social. Das várias frentes que dona Alzira abriu, uma delas se chamava de visitadoras sociais. Nós fomos treinadas por dona Maria Izolina para fazer visita social: chegar na casa do pracinha e saber o que fazer e como ajudar. Não eram muitas aulas e não durou um tempo muito longo, porque a emergência estava exigindo pressa.

A senhora fez o curso de visitadora social. Mas havia curso de nutrição?

Havia de nutrição e elas foram as melhores nutricionistas. Depois ficaram em vários lugares importantes, mas saíram daquele cursinho que dona Alzira fez.

Por que, nesse momento de guerra, um dos cursos importantes da LBA foi o de nutrição? O que é que fazia essa pessoa? Qual era a ação dela?

Havia condição de ajudar, porque gente pobre não era do interior, não; era daqui de Niterói. A nutrição tinha chefes de serviço que atuavam, por exemplo, nos restaurantes populares que se faziam naquela época. Ou então, fazer cardápio para escolas; as nutricionistas aprendiam a fazer cardápios econômicos e nutritivos para as escolas. O curso de nutrição foi muito bom, todo mundo que fez, gostou. Eu não fiz, mas sei que muita gente gostou e fez trabalhos nas comunidades pobres, nos restaurantes populares por aí.

E as pessoas recebiam diploma quando faziam esse curso?

Nunca uma pessoa no Brasil, que eu me lembre, faz um curso sem exigir, no fim, um papelzinho [risos]. Duvido. O Valdenir de Bragança, que foi prefeito de Niterói, eu e um grupo de médicos criamos a Univert, Universidade da Terceira Idade. São pessoas idosas que se reúnem para estudos, para pesquisas, para fazer excursões. Tem uma série de programas muito bons. Eu também estava nesse negócio. Agora não, estou evitando assumir compromissos, já não tenho a mesma condição. Mas a Univert funciona muito bem na Faculdade de Direito e tem mais de 300 alunos. E toda hora que tinha um cursinho, qualquer coisa, o Valdenir preparava logo aquela porção de papéis. Uma das concluintes – porque toda vez que encerra um curso, eu vou e ajudo a dar os diplomas –, uma senhora de cabelos brancos, encarquilhada, analfabeta, recebeu o diploma porque fez aquele curso que a Univert criou. Ela chorou muito e disse: “Dona Violeta, eu estou com 84 anos. É o primeiro diploma que eu ganho, porque eu não sei ler nem escrever. Mas isso é a coisa mais linda que eu recebi na vida.” Não precisa saber ler e escrever; ela fez um curso e ganhou um papelzinho. Ela

disse que ia colocar na sala de visitas dela. Tem esse lado bom, não é? Eu tenho uma pasta de papéis que eu estou pensando mandar para a Escola de Serviço Social. Mas tem muita gente que gosta de diploma.

Então esse curso rápido também diplomava as pessoas?

Tudo tinha uma coordenação boa que não deixava de dar o estímulo, porque tem sempre alguém com interesse naquele papelzinho. Em todos os cursos de que participei, em escolas organizadas ou de comunidades, sempre ganhei um certificado.

Dona Violeta, a senhora falou que os empresários ajudaram muito nesse primeiro momento e que a população também a apoiou. E qual foi o papel da Igreja?

A Igreja Católica sempre foi atuante em Niterói. Os arcebispos todos participavam, a Igreja Católica participava muito. Mas o pastor Fanini, que é agora muito importante na Igreja Evangélica, é diretor de nível internacional, era meu companheiro no Conselho de Cultura, em que todas as religiões eram representadas. Todos eram convidados. Na época em que eu fui mais atuante, não havia tanta discriminação como agora. Se alguém é do partido E ou C, o D não gosta dele. Tem uma discriminação muito grande. Na época em que eu fui atuante, não havia isso. Nas reuniões, tinha pastores, tinha espíritas, a Federação Espírita, a Casa da Criança, todos se congregavam.

Isso no início, Dona Violeta?

No início, porque na época a coisa era muito menor. Depois foi crescendo. Mas no começo, quando iniciou, não era difícil. Todos estavam muito massacrados, muito irritados com a idéia de chamar a juventude para morrer nas fileiras da guerra.

Então, desde o início, os espíritas e os católicos participaram?

Participaram todos. Nessa época, no Centro Social, todos faziam a missa em conjunto, faziam a missa ecumênica. Falava o pastor, falava o católico e falava o espírita. Todos tinham sua vez. No tempo que Valdenir era prefeito, eu estava na Ilha da Conceição. Mas aí é que está, as épocas mudam. No começo, as coisas eram muito mais fáceis. Os comerciantes estavam em princípio de vida, com muito sucesso no trabalho, tinham renda boa, tinham boa organização e ajudavam demais. Mas agora, a gente não consegue, eu já não peço mais. As minhas amigas que vão a qualquer lugar desses, infelizmente não podem ajudar a todo mundo.

E quando acabou a guerra, como ficou a situação?

Bom, aí foi uma época de euforia e de tristeza, porque a quantidade de gente que perdeu parentes era muito grande, e justamente na área onde a gente atuava, que eram os morros, as zonas mais pobres. A LBA atuava mais aí. Então foi um misto de euforia e de tristeza, mas todo mundo sabe que uma guerra, quando acaba, é um respirar de vida! Porque, Deus me livre, já estamos aí atrapalhados com a próxima, os Estados Unidos e a briga lá na Palestina.

E foi justamente nesse momento, quando a guerra estava acabando, que apareceu a idéia, de se formar uma escola de serviço social aqui em Niterói, não foi?

A partir da LBA. A LBA criou a escola.

Então, dona Alzira chamou um grupo de pessoas para participar desse projeto de criação da Escola. E a senhora foi uma dessas pessoas.

Uma dessas pessoas, porque eu não era a diretora. O diretor era um homem, mas eu era a professora que tinha mais atuação na Escola Henrique Lage. Eu fui chamada, a Maria Pereira das Neves, da Escola Aurelino Leal, e muitas pessoas da sociedade. O Secretário de Saúde, doutor Adelmo de Mendonça, foi muito atuante.

Ele também participou desse grupo.

Participaram do grupo os secretários de Saúde e de Educação. Havia união de toda a comunidade, de todos os estratos sociais.

E aí esse grupo se reuniu. Como foi isso? Formou-se um grupo – secretários de Saúde, de Educação, dona Alzira, a senhora, dona Maria Pereira das Neves ... E havia reuniões desse grupo?

Sim, mas não do grupo total. Quando se faz um trabalho qualquer de comunidade, logo se formam os intergrupos. Os grupos se reuniam e depois havia reunião dos intergrupos. É um processo que exige, inclusive, que tudo seja escrito, para as pessoas saberem o regulamento e funcionamento do grupo.

A professora Maria Izolina participou também desse grupo que projetou a Escola de Serviço Social de Niterói?

Todo o tempo. Ela projetou com dona Alzira, e toda a equipe participou. Agora, depois, quando a Escola de São Paulo foi convidada para organizar a Escola de Niterói, ela que era diretora de outra escola, e não da de São Paulo, continuou minha grande amiga, amiga de dona Alzira, mas não ficou mais. Não teve mais nada com a Escola de Niterói; a direção foi entregue à Escola de São Paulo.

Então, a Escola de Serviço Social começou em Niterói, em julho de 1945, tendo sido chamada uma professora de São Paulo para dirigir.

Para dirigir não, para organizar a Escola.

Ah, para organizar a Escola. Por quê?

Bem, um professor da PUC, que naquela época era a única Escola que tinha homens, e que era um líder de todos os movimentos de serviço social no Brasil, sugeriu que a melhor Escola de formação era a de São Paulo. E dona Alzira mandou chamar a equipe de lá.

Era da PUC de São Paulo?

Era da PUC de São Paulo.

E esse senhor, era da PUC também?

Da PUC do Rio. Então, veio a professora Iolanda Maciel. Era assistente social, muito competente. Ela trouxe três assessoras e, com outros elementos necessários para a formação da Escola, usou toda aquela equipe de visitadoras sociais. Todas as pessoas úteis ficaram. Da primeira turma, participaram professoras que vieram do interior e que conseguiam ficar à disposição do município de Niterói para freqüentar a Escola. As primeiras alunas eram quase todas professoras do interior do estado. Em três anos, formou-se a primeira turma. Quase todas tornaram-se professoras da Escola, como Nilda Ney, Arlete Braga, etc. Eram professoras primárias do interior que vieram fazer o curso, ficaram à disposição para fazer o curso e depois foram nomeadas professoras porque se formaram na a primeira turma.

Era um curso de nível médio? Havia necessidade de se pagar alguma coisa para freqüentar a Escola?

Era um curso de nível médio do estado. Quando começou, era parte da LBA e parte do estado, porque o estado ajudou a LBA a criar a Escola, que era mista. Pagava-se, os alunos pagavam uma cota, mas o estado mantinha de um lado e do outro, a LBA.

Quer dizer, a Escola era mantida basicamente pela LBA e pelo governo do estado do Rio de Janeiro, mas os alunos pagavam alguma coisa.

Não era muita coisa não, porque a maioria dos alunos que vinham para o serviço social era pobre. Mas sempre tínhamos alguma cota. Não me lembro em detalhe porque, como eu estava fora nesse momento da formação das classes, eu não estava agindo diretamente.

A senhora entrou um pouquinho depois. A Escola abriu em 1945, a senhora se formou em 1951 e deve ter entrado em 1949.

Em 1949, eu entrei na Escola como aluna. Mas eu era chefe do Serviço Social de Obras da LBA. Eu era uma aluna autoridade dentro da Escola, que dependia do dinheiro cujo cheque eu assinava. Ela era uma obra social da LBA, então quem assinava o pagamento da diretora e o pagamento de tudo era a dona Violeta, aluna do primeiro ano.

E a senhora fez o curso por quê?

Aquela vocação que eu disse ter sentido quando estive na Escola Henrique Lage. Eu sentia que estava fazendo assistência social, mas não era completo, não me agradava. Eu queria algo mais, queria saber mais, e esse curso de serviço social me valeu muito.

O curso valeu a pena? A senhora já sabia tanta coisa...

Mas a questão é que a gente fazer uma coisa é bom, mas fazer certo é melhor, não é? E eu comecei a sentir que tinha falhas que não devia cometer. Porque quando a gente faz uma coisa que gosta, a gente aprende tudo. E quando eu estava como voluntária, não estava fazendo o trabalho sério, completo de serviço social que eu aprendi depois dos três anos na Escola.

Ela funcionava de dia ou de noite?

Só de dia.

E como se fazia para entrar na Escola?

Havia um conselho de professores e a entrada na Escola era feita por intermédio de uma entrevista. A gente assinava um documento e aí havia muita discriminação. Quando a pessoa tinha um amante ou qualquer coisa na ficha, não entrava para a escola. Porque preenchia e assinava uma ficha em que dizia quem era. Por essa ficha e pelo depoimento que prestava, ela seria aceita ou não. Então não era uma prova, era um documento e uma entrevista que se fazia para as assistentes sociais.

O documento era uma espécie de atestado de idoneidade moral?

Era. As professoras achavam que o mais importante para ser assistente social era o atestado moral. Então era o que valia. Por exemplo, havia pessoas que eram separadas ou que já viviam normalmente com outra pessoa, mas numa vida honesta, digna. Não entravam.

Normalmente, quem fazia esse curso era um pessoal mais velho?

Eram pessoas mais amadurecidas sim e gente pobre. No princípio, era freqüentada na maioria por professoras. Tinha gente boa, tinha de tudo. Mas dona Iolanda se indispôs administrativamente com as autoridades do governo. Então, o Amaral Peixoto mandou me chamar e disse: “Dona Violeta, eu vou substituir a diretora da Escola, não quero mais São Paulo aqui. Agora a senhora já está formada”, eu tinha acabado de me formar.

Já era 1951, então?

Foi em 1951. “Eu soube que a senhora já está formada e quero entregar a Escola para uma pessoa formada lá: Vai ser a senhora.” “Não posso, acabei de me formar, defendi a tese outro dia, não é possível.” E depois, dona Iolanda não tinha pedido demissão, ele queria afastá-la. Eu disse: “É muito delicado, porque eu me dou com todas as esferas de Niterói, pessoas que são amigas dela. Não acho legal eu assumir. Eu aceito sim, mas como substituta de dona Iolanda, até ela pedir demissão”, porque a Escola estava para fechar. Então ele fez isso: me nomeou como substituta e um belo dia, dona Iolanda, pressionada pelas pessoas lá do lado dela, pediu demissão. Aí eu fui nomeada. No ato em que fui nomeada, fiz uma revolução na Escola! Comecei deixando entrar homem: abri facilidades para o time masculino. Eu tenho exemplos de excelentes assistentes sociais homens que se formaram pela Escola. Depois, abri três turnos porque as pessoas que trabalhavam

de manhã não podiam estudar à noite, e a Escola funcionava de manhã. Então eu abri uma turma de manhã e uma à noite, e também tinham algumas aulas que eram dadas à tarde. Foi uma beleza, porque muita gente pôde estudar.

Quer dizer, no início era só pela manhã.

Era só pela manhã e só para mulheres, homem não entrava. Eu abri o exame e lutei para a Escola sair da LBA e ficar só com o estado. Para ter valor, porque mista ela não tinha personalidade jurídica.

Onde a Escola funcionava?

Na Rua Tiradentes, 148, no Ingá. A casa está lá, é da LBA e está alugada agora não sei para quê.

Mas antes era um prédio de quê?

Era um prédio que foi comprado para a LBA. O desembargador, dono da casa, que era muito amigo de dona Alzira, vendeu a casa à LBA para fazer a Escola de Serviço Social. Funcionou sempre lá, até uma certa época.

A senhora estava contando como a questão moral era importante para entrar na Escola. E havia algum tipo de prova de conhecimento?

Não me recordo. Às vezes, me lembro, a gente fazia uma composição, uma redação. Eu me lembro que uma redação a gente fazia. Mas o que valia era o atestado moral.

A Escola era de nível médio. Portanto, a pessoa só podia entrar se tivesse o ginásio completo?

Com o primário completo já entrava. A Escola era de nível médio, mas bastava ter o primário completo. Aí eu quis tirar a LBA, porque eu era de lá e sabia que a situação da Escola era *sui generis* e não dava para progredir. Qual era a personalidade jurídica da Escola de Serviço Social? Nenhuma. Então, eu consegui que o estado indenizasse a LBA e a Escola se tornasse estadual. Aí a prova se tornou obrigatória, mas ainda era de nível médio.

Mais tarde é que ela se tornaria de nível superior.

Mais tarde. A Lourdes Fortes, uma turma boa de professores, o Jamil El Jaick, a Hilda El Jaick, doutor Geraldo Bezerra de Menezes e eu, nós lutamos para trazer a Escola para a universidade. Quando criaram as faculdades, elas não ficaram integradas, mas agregadas: serviço social, enfermagem, a própria Faculdade de Educação, que dava os cursos, e mais a Escola Agrícola. Essas foram agregadas e nós continuamos a luta. A Engenharia também estava agregada como nós. Conseguimos ficar na universidade e a Escola passou para nível superior. Aí, nesse ano, é que se começou a fazer as provas de vestibular, como qualquer escola de nível superior.

Quando se tornou diretora, a senhora mudou o sistema de ingresso na Escola? Fez provas de conhecimento?

Fiz provas de conhecimento, em que também havia uma redação. Foi aí que chegamos à conclusão de que a primeira prova universitária era um fracasso. As provas eram fraquíssimas, as pessoas não sabiam redigir. Pessoas com secundário, pois já se exigia o secundário. Foi um período de transição muito difícil.

Mas isso já no período em que a escola tinha nível superior?

Depois que ela entrou para o nível superior é que eu tomei conhecimento da fraqueza dos alunos. Foi aí que eu vi que as alunas eram todas muito fracas. Então, tínhamos que melhorar isso e eu convidei o Jamil El Jaick, a Maria de Lourdes Fortes, professores de português de competência em Niterói, para dar aulas aos alunos de serviço social já no nível superior. E fui muito criticada: “Mas o que é isso? Uma escola de nível superior colocar professor de português!?” Eu disse: “Coloquei porque os alunos entram para a Escola de Serviço Social e não sabem português.”

Era uma matéria obrigatória, o português?

Era uma matéria obrigatória, mas os alunos não sabiam. E adoraram, porque melhorou o nível. Coloquei português no currículo da Escola. Bom, eu fiz muita coisa certa e às vezes os alunos concordavam, outras vezes não. Mas afinal de contas, deu tudo certo e eu consegui que os homens entrassem, consegui mudar o turno e consegui outras coisas mais. Mas a minha primeira luta foi transformar a Escola em estadual, para perder aquela ligação com a LBA e passar a ser mantida pelo estado, até ser federalizada.

[FINAL DA FITA 2-A]*

2ª Entrevista: 13.11.2001

O que aconteceu em 1960.

Quando houve a federalização das outras faculdades, a nossa também foi federalizada.

E a senhora ainda era a diretora da Escola?

Nessa fase toda, porque quando eu peguei a Escola, ela era *sui generis*. Não é possível uma instituição cheia de professores, cheia de alunos, ser mantida uma parte pelo estado e outra, pela LBA, que era particular. Eu não sabia o que a Escola era. Particular? Não. Do estado? não. Aí, minha luta diante dos legisladores foi torná-la estadual. Depois, ela passou para nível superior e só então pôde ser federalizada. Antes era agregada.

Em 1954, a Escola se tornou estadual; em 1956, uma faculdade de nível superior; e em 1960, então, foi federalizada. E sempre com a senhora na direção.

É bem verdade que uma diretora só é boa líder se trabalhar com todas as forças dentro da escola. As coisas não eram feitas só por mim. Eu sempre conversava com todos os alunos, que tinham um diretório e opinavam. Nós tínhamos também um CTA, um Conselho Técnico Administrativo que opinava sobre tudo. Eu levava os assuntos importantes e todos atuavam ao meu lado. Por isso eu pude, em pouco tempo, produzir tanto; porque eu tive a adesão de todos, principalmente dos alunos.

A criação do diretório acadêmico foi uma coisa importante na Escola?

O diretório acadêmico já existia. Ele foi apenas revitalizado, porque entrou comigo na direção para a realização dessas mudanças, que eu queria que fossem rápidas. Eu sabia que a Universidade estava em andamento. Então, na minha cabeça, nas dos meus colegas e nas dos alunos, já trabalhávamos no sentido de preparar a entrada na universidade. Foi feito tudo o que a Escola e a sociedade reclamavam.

Houve alguma interferência maior da LBA na Escola nesse período? A LBA interferia nos assuntos da Escola, no currículo? Como era essa relação?

Pela minha relação com dona Alzira, que então dirigia a LBA. Ela era muito cordial – éramos quase duas irmãs – eu gostava demais de dona Alzira e a interferência da LBA era só para me apoiar. Nunca a LBA interferiu na Escola para prejudicar. A LBA entrava sempre que eu precisava da presença da autoridade para uma coisa mais rápida. A LBA só ajudou a Escola.

Mesmo depois que dona Alzira saiu da LBA?

Dona Alzira saiu e continuou sempre a mesma coisa, a mesma relação da Escola com a LBA. Nunca houve adversidade entre a LBA e a Escola, que eu me lembre.

* A fita 2-B não foi gravada.

Como a LBA interferia, por exemplo, no currículo?

Tinha um representante da LBA no CTA, quando a Escola ainda era estadual. Havia um representante do estado e um da LBA no conselho da Escola. Então, havia sugestões para o currículo. Aliás, as escolas de serviço social, desde o princípio, se irmanaram em todo o Brasil. Existe uma associação chamada ABESS, Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social, cuja sede era em São Paulo e, todo ano, diretores e alguns professores se reuniam, cada vez num estado. Eu conheço o Brasil inteiro por ser diretora da Faculdade e estar presente em todas essas mudanças de currículo. Tudo o que se fazia em benefício do serviço social era discutido nessas reuniões. As coisas eram realmente muito trabalhadas.

Havia uma articulação nacional.

No tempo de dona Iolanda, não sei. Mas no meu tempo de diretora, nunca houve uma decisão ditatorial. Sempre tudo era dividido, conversado com alunos, com os professores, com o CTA, com o representante da LBA e, todo ano, a gente se reunia num estado e levava nossos currículos. Tanto que não aceitaram, a princípio, a proposta que eu fiz, quando a Escola passou para o estado. No primeiro exame que houve para ingresso no curso, os alunos apresentaram uma composição, como se dizia na época, e o nível de português era ruim, os candidatos escreviam muito mal. Foi então que eu convidei os dois professores de português para ensinar dentro da Escola.

A senhora era membro da diretoria da ABESS?

Eu era tesoureira dessa associação. Por isso, um dos encontros feitos na época, quando Celso Peçanha era o governador do estado, foi aqui em Niterói e o eu preparei. Vieram representantes de todas as faculdades e tivemos um congresso muito proveitoso. Eu já era diretora e fiz isso porque todo ano a reunião era num estado diferente.

Como surgiu essa idéia de criação da ABESS?

Essa idéia surgiu antes da minha participação. Antes da Escola de Serviço Social, a ABESS já existia. Ela foi criada pela escola de São Paulo e a presidente era dona Odila Cintra Ferreira.

Ela era diretora da Escola de São Paulo?

Participava da direção da Escola de São Paulo. Havia eleição todo o ano e eu fui escolhida tesoureira da ABESS. E havia também uma Internacional, a CBSS² que eu acho que era uma Comissão Internacional do Serviço Social, e era na Bélgica, onde houve os primeiros movimentos de serviço social. O CBSS era um conselho, uma comissão de escolas de serviço social de todo mundo. Onde houvesse uma escola de serviço social, ela podia se inscrever no CBSS. Nossa Escola era do CBSS, e nós éramos muito orientados por eles. Por isso eu digo: nossa Escola era bem comunitária no sentido internacional, e nunca deixou de fazer contatos nacionais e internacionais.

Qual é a visão da senhora sobre a ABESS?

Sempre achei muito importante, porque a união de idéias é uma coisa muito boa. Cada um tem a sua mensagem, tem alguma coisa para dizer. Sozinho ninguém faz nada. Então, quando se criam essas associações, essas comissões nacionais, internacionais e locais, eu acho muito importante.

Além da ABESS tinha também Associação Brasileira de Assistentes Sociais, a ABAS.

A ABAS era das assistentes sociais. Nessa também eu tive muita atuação. Ela funcionava muito bem na escola, a ABAS.

A senhora foi da direção da ABAS?

Não. Da ABAS eu era associada.

² Centro Brasileiro de Serviço Social

As assistentes sociais se filiavam à ABAS?

Se filiavam à ABAS, e tinha a nossa associação local também, de assistentes sociais.

Havia associações por estado?

Associação estadual de assistente social... Olha, eu não estou assim com a memória muito boa... Esse detalhe, não sei. Sei que tudo que era possível criar em benefício da união dos assistentes sociais, era feito. Era uma profissão nova, que foi criada como uma profissão no tempo em que eu já estava na Escola.

Olha, me lembrei de repente, e não quero deixar de mencionar, a outra professora de português, Maria de Lourdes Fortes, que até hoje vive. É uma grande personalidade. Era irmã da Nair Fortes, membro importante do Conselho Federal de Educação. O serviço social estava no Ministério da Educação e a Nair Fortes foi responsável por muitas das melhorias que conseguimos na escola de Niterói. Foi pela relação da Maria de Lourdes Fortes, nossa professora de português, com a Nair Fortes, membro importante do Conselho Federal de Educação, que eu ia lá. Era no Rio de Janeiro, e eu ia sempre às reuniões do Conselho, para nossas lutas caminharem mais rápido. Foi um tempo muito bonito mesmo, a Escola de Serviço Social envolvida com o Ministério da Educação.

Dona Violeta, a senhora agora quer lembrar um fato curioso.

Numa das reuniões da Escola de Serviço Social, o doutor Eduardo Imbassahy, que morreu ano passado com 100 anos, participou de um encontro de assistentes sociais em Petrópolis e eu estava ao lado dele. O assunto era a criação do Serviço Social Médico. Isso porque tinha serviço social nas escolas, nos hospitais, em fábricas, em empresas e tinha o serviço social médico, até hoje o melhor lugar do assistente social. O assunto era como chamar esse serviço: Serviço Social Médico ou Serviço Médico Social? Essa questão foi colocada no plenário e eu e o doutor Imbassahy demos grandes gargalhadas porque, depois de duas ou três horas, não se chegou a nenhuma conclusão. É uma coisa engraçada, porque aconteceu mesmo e doutor há pouco tempo esteve aqui em casa e disse: “Dona Violeta, é Serviço Médico Social ou Serviço Social Médico?” Como às vezes a gente perde tempo com coisas sem importância...

A senhora falou que essa área de trabalho do assistente social é uma das melhores. Por quê?

O assistente social, trabalhando ao lado do médico e da enfermeira, tem um papel muito importante. É o seguinte: o médico cura a doença, a enfermeira atende a todas as necessidades do doente em termos de hospital e a assistente social atende a relação doente-família. Porque o médico e a enfermeira não estão ligados com a família; quem lida com a família é o assistente social. De modo que ele é uma peça importantíssima na equipe porque a família é fundamental na cura do doente. O assistente social visita a família e faz um intercâmbio das necessidades do cliente diante do médico e diante da enfermeira. Nos hospitais que têm assistente social, isso sempre funciona muito bem.

Na época em que a senhora era diretora da Escola, por mais de 10 anos, o serviço social se desenvolveu. Que outras áreas se desenvolveram também, e que a senhora destacaria?

Ainda existem colegas minhas que trabalham até hoje no Serviço Social de Empresas. A assistente social trabalha naquela área em que se faz a seleção de candidatos, e tudo que se relaciona com o empregado e sua família. Qualquer empresa tem seu sindicato, existe uma legislação para tratar do sindicalizado e da sua família. Há ainda o SESC, o SESI e todos esses têm assistentes sociais... Nas escolas é que não houve continuidade porque há sempre uma professora que faz às vezes do assistente social. Que eu saiba não há, nas escolas, assistente social, mas nas empresas e nos hospitais, há.

E como era o mercado de trabalho? Era fácil conseguir emprego sendo assistente social, nos anos 50?

Bom, no começo, quando as escolas começaram a formar, houve uma boa aceitação. Porque a lei foi criada e a profissão passou a ser oficial; antes, não era. E realmente, as empresas e os hospitais começaram a contratar e houve realmente um trabalho de seleção. Quem tinha um bom currículo, era um bom assistente social, conseguia emprego nas equipes dos hospitais e nas empresas. Existem moças que estão se aposentando agora no Serviço Social de Empresas e Hospitais.

Nessa época, a profissão de assistente social era valorizada? As pessoas reconheciam esse trabalho como importante, necessário?

Eu acho que sim. Antes de eu assumir a direção, a Escola já tinha um trabalho com a comunidade chamado estágio. Os alunos faziam 100 horas de estágio supervisionado numa empresa. Depois eu ainda dobrei esse aspecto e nós tínhamos estágios nas grandes empresas. Então, os estágios dos alunos já eram onde eles trabalhavam: nos hospitais, nas empresas, nas escolas. E já demonstravam a importância do profissional, que resolvia muita coisa que anteriormente não tinha quem resolvesse. Então houve sim uma época muito boa, em que o assistente social era respeitado e muito procurado, como qualquer profissional. Um bom médico todo mundo quer, um mal médico ninguém quer; um bom assistente social todo mundo queria, um mal assistente social não era tão querido. Mas houve sim, houve muito boa aceitação do assistente social e até hoje muitas empresas e hospitais mantêm o serviço social. O Antônio Pedro tem um grande serviço social. Só assistentes sociais diplomados trabalham ao lado dos médicos, ao lado dos enfermeiros. Então existiu sim, mas, claro, quando o profissional era bom.

A senhora está falando como eram importantes, inclusive para a Escola, esses estágios. Era difícil conseguir das empresas permissão para os alunos estagiarem?

Não era difícil, porque a Escola de Serviço Social, nesses 15 anos em que eu estive na direção, mantinha um relacionamento com a comunidade toda. Todo o empresariado vivia sendo convidado para ir à Escola e a Escola participava de tudo. Em Niterói, às vezes eu recebia um telefonema do governador e do prefeito: “Dona Violeta, vem aí uma equipe do exterior fazer um trabalho de intercâmbio. A senhora pode ceder a Escola?” A Escola era cedida e participava tanto, que quando eu mandava um ofício para uma empresa pedindo estágio, na mesma hora vinha a resposta: sim. A Escola tinha muito prestígio.

Prestígio político?

Nós não éramos felizes por ter prestígio político, porque éramos pessoas independentes, mas respeitávamos os políticos. E com isso tínhamos uma grande facilidade nesse intercâmbio entre escolas, empresas, hospitais. Muitos até ofereciam os estágios.

As empresas ofereciam?

O estágio supervisionado começou a ser estendido porque o aluno era supervisionado pela Escola. Era uma coisa tão importante para a entidade, que nós recebíamos mais pedidos de estágio do que precisávamos. Todas essas instituições pediam estagiário, o aluno ficava o ano todo e se integrava. Depois, acabava se tornando funcionário da casa, porque se integrava ao trabalho.

Aliás, a senhora considerava o que uma assistente social ganhava uma boa remuneração?

Não, tanto que a luta por esse objetivo sempre existiu. Luta por salário nunca foi objetivo único do serviço social, mas toda a vida, as classes lutam por mais salários e, naturalmente, o assistente social é uma pessoa igual às outras. Então lutaram sim, sempre, por um salário melhor. Houve muita luta, como até hoje está havendo. Os professores estão em greve aí, por causa do salário [risos].

Nesse período, a Escola de Serviço Social também montou alguns programas de ação social importantes.

Sim, muitos. Mas vou citar um, porque talvez não haja tempo de citar todos, que está logo no começo da minha atuação comunitária. Chamava-se COSAM, Conselho de Obras e Serviços de Assistência ao Menor. Este COSAM foi criado pela Escola em 1954, no seu 10º aniversário. Nós fizemos uma grande promoção criando locais que podiam servir de estágio para o Serviço Social de Comunidade, de que eu era professora. Para Serviço Social de Caso e de Grupo havia muitos locais de estágio, mas para comunidade não havia.

A senhora pode fazer a distinção entre Caso, Grupo e Comunidade?

Nós aprendemos no curso de serviço social a trabalhar de pessoa para pessoa. É tudo psicologia humana, de pessoa para pessoa. Isso se chamava Serviço Social de Caso; resolver os casos. O Serviço Social de Grupo, em geral nos hospitais e nas escolas, era para um grupo de pessoas com os mesmos interesses. O Serviço Social de Grupo fazia com que chegasse um momento em que todos se beneficiavam, pela união do grupo. Isso é uma técnica também muito específica. Já para o Serviço Social de Comunidade, que era a minha especialidade, não havia locais de estágio ainda. Então, nesse momento, nós criamos dois serviços – quando eu digo nós, é porque eu nunca fiz nada sozinha, era uma equipe toda, todo mundo atuava – e um se chamou COSAM, que era um conselho. Porque nós sentimos que, no estado, havia muita deficiência de assistência à criança. Muitos achavam que a Escola devia lançar um programa que pudesse resolver os problemas, não só da criança na família, como também da criança nas instituições sociais, menor abandonado, tudo isso. Era um programa amplo e foi criado com um estatuto muito bom. Quase toda comunidade tinha representatividade neste conselho, que funcionava na Escola de Serviço Social. O estado todo utilizava as nossas diretrizes para o menor. Nós fazíamos, anualmente, um congresso, e para esse congresso vinham pessoas do Rio de Janeiro participar das reuniões em benefício do menor. Várias coisas foram criadas nesse momento em que conseguíamos interessar a comunidade pelo COSAM. Quase todo mundo conhecia o COSAM e trabalhava nele, atuava nele de uma maneira ou outra.

[FINAL DA FITA 3-A]

Roberto Silveira quis aplicar uma verba para criar o Instituto de Menores Roberto Silveira em Bom Jesus do Itabapoana, no norte do estado do Rio. Ele me chamou, como presidente do COSAM, e eu fui. Ele disse: “Dona Violeta, a senhora vai fazer um estatuto modelo para o Instituto de Menores.” Eu disse: “Bom, para fazer um estatuto modelo para um internato, a primeira coisa é não ser internato; é ser semi-internato. Nós defendemos a tese de que a criança precisa estar numa família. Durante o dia, estudar; mas à noite, ela precisa de uma família. Se não puder ser a própria, porque ela não existe, nós temos que encontrar uma colocação familiar porque a criança não pode ficar agregada, internada anos e anos numa instituição.” E ele disse: “Eu concordo com a senhora, acho que se deve procurar sempre a família. A senhora quer ir passar um mês lá em Bom Jesus para reunir todas as autoridades, inclusive o prefeito?” E lá fui eu, pelo COSAM.

A senhora era presidente do COSAM?

Eu era diretora da faculdade. Fui lá, passei um mês em Bom Jesus. Fiquei na casa de todas as lideranças. Em todos os lugares, eu falava do projeto do doutor Roberto Silveira para o Instituto de Menores. E na primeira reunião, o prefeito disse: “Não, dona Violeta, a sua idéia é muito boa mas não será possível porque nós já aplicamos uma parte da verba comprando camas, lençóis, roupas de camas, tudo para os dormitórios. Nós já temos montadas 100 camas para 100 menores ficarem internados, porque não têm condições familiares de morar em casa. Então, essa verba já estava em casa.” Eu disse: “Mas eu venho para aplicar uma verba total. Essa verba que vocês aplicaram, mandem parar. Porque se todos acabarem concordando comigo, não vai haver internato. Eu prometo a vocês que as crianças serão todas atendidas.” Aí me deram aquele tempo, aquele crédito

de confiança. Com o bispo e o padre, visitamos as autoridades religiosas e as famílias mais necessitadas. E todas elas disseram: “Eu não me incomodo que meu filho durma na minha casa, mas não tenho nem colchão.” “A senhora terá colchão.” Todas elas diziam do que precisavam para o filho dormir em casa. Quando eu consegui um total favorável, eles me disseram: “Não, nós temos um número grande de crianças do interior. Como é que a senhora vai fazer com essas crianças do interior? Vão dormir onde?” Aí, me deram mais um tempo e eu fui visitar as famílias ricas de Bom Jesus. Eu precisava de 15 vagas e tive mais de 40 famílias ricas que concordavam em ficar com um menor no final de semana; no final de semana não, concordavam em ficar com o menor para dormir durante todos os dias da semana. Nos fins de semana, se podia levá-los para o interior, para passar com a família, porque a idéia era nunca tirar o menor do amor da família. O doutor Roberto ficou encantado, me deu toda a autorização; eles tiveram que desfazer o contrato das camas e criaram quatro oficinas. Nós mandamos fazer um levantamento em Bom Jesus sobre as necessidades da comunidade com relação às oficinas. Eram roupas, malas, e nós criamos o que a comunidade queria. Os menores tinham, em uma parte do dia, estudo, e em outra, oficina. De noite, iam dormir cada um na casa da sua família. Aqueles que não tinham família, na casa do pai adotivo, como eu disse. No final de semana, eles se comprometiam a mandá-los para a família. A coisa foi tão bem aceita, que afinal todo mundo bateu palmas e assim foi feito. Hoje eu sou cidadã de Bom Jesus do Itabapoana [risos], por causa dessas minhas façanhas no COSAM, lá. Todos reconheceram o mérito do nosso programa. Até hoje o Instituto de Menores é semi-internato: tem oficinas, tem bandas, cresceu demais, mas continua a não haver dormitório. Quando querem montar dormitório, eles mesmos sugerem mais uma oficina. Então, a semente boa que foi lançada no município não é mais uma utopia, é uma coisa real e que me dá orgulho. E depois que eu criei a Escola de Serviço Social em Campos, as assistentes sociais de lá me ajudavam nesse trabalho.

A Escola de Campos foi uma reivindicação local ou foi a senhora com um grupo que pensou em fazer a escola de lá?

Ah, havia a Maria Josefa. Havia uma líder em Campos, Josefa Meireles, do Instituto de Câncer, e minha amiga. Ela conseguiu criar o estado de espírito para uma escola de serviço social. E fomos a Campos, minha equipe de Niterói e eu, criar a Escola de Serviço Social. Tem até meu retrato lá. Bom, em Bom Jesus também, em vários lugares tem meu retrato, o que me orgulha muito. Mas é isso, é a gente lutar por causas boas. Nesse mesmo ano, em que tive essa glória do COSAM, tive uma outra satisfação. Um dia chegou à minha sala um rapaz, seu Admar Augusto de Matos, cego de nascença. Veio do Benjamim Constant para a associação de cegos em Niterói e, lá, conseguiu um emprego na prefeitura para professor de Braille; ele era formado em Braille. Aí deram a ele o título, mas não deram a classe. Depois de seis meses, estava ganhando o salário sem local para ensinar. Não deram local, só nomearam. Ele apareceu na Escola e disse: “Dona Violeta, me disseram que a senhora é a única pessoa que pode resolver o meu caso. Se não resolver, vou rasgar a minha nomeação, porque não estou conseguindo.” Na mesma hora, dona Violeta recrutou a Escola toda. Elza Guerrantes me ajudou demais, e muitas outras: Inaiá Moraes, tanta gente boa, e nós conseguimos fazer uma turma de 100 alunos para ele. Em pouco tempo, um padre que fez Braille com o senhor Admar disse que, pela primeira vez, iria poder rezar a missa porque já havia livros em Braille e ele não sabia. Então foi um sucesso pleno. Chama-se CRACEF, até hoje existe. O COSAM, quando a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor foi criada, e era esse o objetivo nosso, fechou as portas com toda a dignidade. Parou de funcionar porque já existia uma Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, FUNABEM. O COSAM, que era particular e lutava com tanta dificuldade, entregou tudo, encerrou suas atividades. A CRACEF não; até hoje existe com muita dificuldade: é a Cruzada de Recuperação e Assistência ao Cego Fluminense. Quanto trabalho foi feito pelos cegos! Doutor Odilon Bocler era o presidente da associação. Ele fez muito, nos ajudou demais. Faleceu também há pouco tempo. Ele era fundador e diretor da AFAC, Associação Fluminense de Amparo aos Cegos, que existe até hoje. Criou várias oficinas, foi muito bom aquele período. A CRACEF funcionou muito bem, não só em Niterói, como em Campos e em Friburgo. E

os alunos todos iam fazer seus estágios nesses programas. Foi aí que essa menina, hoje uma senhora, minha colega, Alaíde Vieira Saldanha, foi fazer estágio. Na CRACEF, apaixonou-se pela idéia, pelo trabalho, pela filosofia do trabalho e até hoje é a presidente. Depois que eu cansei, passei a presidência para ela. Até hoje a CRACEF está com Alaíde Vieira Saldanha. Então, no ano em que a Escola fez 10 anos, criaram-se esses dois grandes serviços de comunidade, de interesse comunitário.

O COSAM, que era uma iniciativa capitaneada pela Escola de Serviço Social, tinha apoio financeiro de quem?

Não tinha apoio financeiro nenhum porque era uma entidade totalmente particular. Todas as pessoas que se uniram ao COSAM – deputados, vereadores, todo mundo –, ajudavam na medida do possível. Se uma empresa gráfica participava, quando queria se fazer um congresso, eles faziam a parte gráfica. A gente tinha colaboração de todos, porque eu não me recordo da Escola ter tido um fundo especial para o COSAM e para a CRACEF. Era o mesmo trabalho do grupo que atuava nesse campo, que fazia, naturalmente, fontes de recursos. Não havia na Escola nenhum fundo financeiro para esse dois grandes programas.

E esses programas tinham a Escola como sede?

Tinham. A sede era na Escola, sempre foi na Escola. A CRACEF, depois de algum tempo, cresceu muito, tinha um trabalho muito grande com os cegos e o governo cedeu um prédio no bairro do Ingá. Um prédio que, hoje, está muito abandonado. Uma equipe assumiu, mas Alaíde está à frente de um movimento para recuperar o prédio. Eu não deixaria perder os laços; esse negócio de trabalhar isolada nunca foi meu feito.

A senhora tinha um grupo de pessoas que ajudava sempre? Quem eram essas pessoas?

As equipes da Escola. Havia a Arlete Brandão e a Nilda de Oliveira Nei, que foi minha vice-diretora e que depois assumiu no meu lugar. Arlete Braga também era uma professora que veio do interior. A equipe era grande, tinha várias professoras da própria Escola. Eu agora, assim de repente, não vou me lembrar.

E da sociedade, a senhora recebia apoio de quem?

Dail de Almeida, um deputado federal que era nosso professor; doutor Geraldo Bezerra de Menezes, até hoje vive, que era ministro do Supremo Tribunal Federal³. Essas autoridades, todas importantes, estavam sempre na escola, sempre ao nosso lado.

Tinha algum político mais ligado a vocês?

Doutor Alberto Torres, que era o presidente do grupo Fluminense, do jornal *O Fluminense*, e morreu também há pouco tempo. Um grande líder político, muito importante para o estado todo e para o Brasil. Que homem inteligente! Ele estava sempre ao nosso lado, quando foi secretário de Educação do estado. Doutor Alberto Torres me convidou para ser um dos membros do Conselho da Casa do Estudante Fluminense. Existia aqui uma Casa do Estudante Fluminense e eu levei os alunos para entrevistar, para fazer entrevista na hora da seleção para as poucas vagas que havia. Teve um ano que havia uma vaga só e uma grande quantidade de alunos, inclusive pedidos políticos para aquela vaga. Então, dona Violeta ficou com a bola quente na mão, porque telefonavam políticos e todo mundo queria aquela vaga. Aí, eu fiz uma entrevista com todos os candidatos e descobri um que era o mais necessitado de todos, que não tinha nenhum pedido político. O que eu havia de fazer? Eu tinha meu voto, votei nesse rapaz. Era filho de um roceiro, do interior do Estado do Rio e eu disse a ele: “Se você não conseguir a vaga, desiste de ser médico porque eu não tenho condições de mantê-lo em Niterói.” Então, depois de todas as sindicâncias, ele foi aceito porque meu voto era decisivo. Ficou com a vaga. Passaram-se os anos, eu estava em Teresópolis, porque fui fundadora

³ Geraldo Bezerra de Menezes foi Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, vindo a falecer em fevereiro de 2002.

da Pró-Arte também, com Theodor Heuberger, um alemão que morreu também há pouco tempo. A Pró-Arte também é outra área em que eu atuei muito.

É um morro lá em Laranjeiras, no Rio de Janeiro

Em Laranjeiras é uma Pró-Arte seqüente. Mas a nossa vem de 1925, quando Theodor Heuberger veio da Alemanha. A sede é até hoje em Teresópolis. Com a morte do Theodor Heuberger, a Pró-Arte passou com todos os bens para a Universidade de Teresópolis. Mas na época a que eu estou me referindo, eu ia muito a Teresópolis porque era assessora direta do Theodor Heuberger. Fazia as atas e tudo que era em português. Como sou muito noveleira, ia ver novela com dona Estela, minha companheira da Pró-Arte, na casa de um casal de velhos. O senhor, bem idoso, conversando, disse assim: “Dona Violeta, a senhora conhece tanta gente, será que não me ajudava? Estou há três anos com pedido de aposentadoria no estado, setor médico, e não consigo. Estou vendo que vou morrer antes de me aposentar.” Dona Violeta pegou o número e bateu de porta em porta, até encontrar o processo em Niterói, numa sede da Secretaria de Saúde. Fui lá, entrei no gabinete do diretor e mandei o meu cartão, Violeta Campofiorito Saldanha da Gama. Apareceu um rapaz bonito, moço: “Dona Violeta, a senhora manda. Que negócio é esse de cartão?” E eu disse: “Quem é você?” “Eu sou aquele que hoje é médico graças a senhora.”

Ah, era o rapaz da Casa do Estudante.

“Quando eu li seu nome, fiquei impressionado, pois nunca mais a vi. Não sei o que a senhora quer, mas a senhora manda.” “O que eu quero é esse processo julgado hoje.” Na hora ele autorizou e no dia seguinte o velho se aposentou. Quer dizer, tem uma porção dessas coisas. Eu tinha obrigação de fazer o bem, porque era muito ajudada por Deus.

E no Congresso Nacional, vocês também tinham contatos com parlamentares que pudessem ajudar?

Tínhamos. Eu comparecia até às reuniões políticas. Todos os políticos eram meus amigos. Viviam na Escola e nós sempre tivemos uma sintonia muito grande com os políticos fluminenses. Eu não posso citar o nome de todos, mas todos foram muito bons para a Escola e para a comunidade. Quando batiam na Escola, eles ajudavam.

E se precisasse, a senhora também ia ao Congresso? A senhora ia à Câmara dos Deputado?

Eu ia. Fui muito ao Congresso resolver situações. Fui muito ao Conselho Nacional de Cultura e de Educação; eu ia muito. Era tudo no Rio de Janeiro e eu comparecia.

E como era a participação das autoridades religiosas, especialmente da Igreja Católica? Inclusive, o nome desse serviço de assistência aos cegos é cruzada, não é?

Todas as escolas de serviço social do Brasil foram criadas à luz do catolicismo. A maioria era dirigida por irmãs de caridade. Dona Iolanda quando veio criar a Escola de Serviço Social de Niterói, era muito religiosa e deu todo um cunho religioso, católico, à Escola. De tal maneira que foi difícil conseguir que outras religiões, muito boas também, penetrassem naquela época, dada à hegemonia do catolicismo, que era muito forte. Quando eu cheguei, abri para o ecumenismo. Se bem que o arcebispo sempre foi meu amigo, sempre me acompanhou, porque eu sempre fui ligada à Igreja Católica.

O arcebispo dava apoio a essas iniciativas?

Muito apoio. Todas as reuniões da Escola de Serviço Social de Niterói tiveram a participação do arcebispo, desde que eu fui diretora. E depois eu comecei a chamar o presidente da Federação Espírita, que era meu amigo e colega do Conselho, e que até hoje dirige a Igreja Batista no mundo inteiro. Ele comparecia muito. Todas as religiões. Um dia, quando o prefeito me nomeou para ser gerente do Centro Social Urbano, eu fiz uma missa ecumênica que ficou famosa no Barreto. Primeiro, o padre católico fez uma oração muito bonita. Depois veio o pastor Fanini, da Igreja

Batista, pessoalmente, e fez uma bonita pregação. E, por fim, veio o espírita, presidente da Federação Espírita e fez uma bela participação. A platéia estava cheia de gente das três religiões. Foi a primeira missa ecumênica em Niterói. Eu já estava afastada da direção da Escola, mas ainda era professora de serviço social de comunidade, ainda estava ligada à Escola.

Esse Centro Social Urbano foi criado no Brasil numa época política boa. Em cada município foi criado um, era uma política nacional. Eram todos particulares, porém, o de Niterói, Geisel veio inaugurar.

O presidente Geisel? Esses Centros foram criados durante o governo Geisel?

Na época do governo Geisel, o Ministério da Educação criou esses Centros Sociais Urbanos. Uma equipe grande trabalhou nisso, os jornais davam muito a notícia na época. O Brasil inteiro ganhou esses centros sociais. Todos eram particulares, mas o de Niterói era da Prefeitura. Geisel veio e, na época, o prefeito Ronaldo Fabrício me convidou para ser a primeira presidente do Centro Social Urbano de Niterói. Eu disse que não podia aceitar, que já estava aposentada na Universidade e muito cansada. “Dona Violeta, a senhora vai me ajudar, a senhora vai me ajudar e aceitar, porque eu tenho muitos pedidos para ser gerente nesse primeiro Centro em Niterói. Há mais de vinte políticos dos mais importantes do Brasil. Não sei como resolver, porque todos eles me dizem que foram seus alunos.” Aí eu disse para ele: “Mas o que é que adianta, meu filho? Todos foram meus alunos, todos têm o direito de ser. Agora, o jeito é arrumar pistolão.” Ele disse: “Não, mas não posso, são todos muito empistolados. A única pessoa que pode ser convidada é a senhora, porque assim nenhum dos pretendentes vai fazer nada.” E dona Violeta, com setenta e tantos anos, aceitou e ficou nesse centro cinco anos.

O que é que a senhora fez nesse centro?

Os relatórios eram dessa altura, mas eu tinha uma boa equipe. Abri à comunidade toda; estabeleci no princípio um conselho representativo de todas as forças da comunidade. Gente que nunca pintou para nada, participava do conselho comigo. Então eu tinha um conselho de 30 pessoas, das mais atuantes.

Que tipo de pessoas?

Pessoas de todos os níveis, gente muito humilde, quase todos pescadores. Era gente muito humilde. Agora, o conselho comunitário me ajudava muito. E todo mundo trabalhando junto, nós criamos várias coisas. Eu sei que eu montei, na mesma hora, um posto de alfabetização.

Onde era isso, dona Violeta?

Na escola da Ilha da Conceição. Havia 50% de alunos na escola que não eram registrados, não tinham certidão de nascimento. A LBA nos ajudou muito e abrimos um posto para registro de todos. Funcionou muito bem. Não criamos muita coisa, mas tem vários relatórios...

Então criou-se um posto de alfabetização. E o que mais?

Nós fizemos vinte e tantos cursos, sendo que o curso natural naquela época era datilografia. O curso de datilografia foi tão bom, deu emprego a muita gente que fez o curso conosco. Porque todos aprendiam muito bem com os bons professores que nós colocamos. Resultado: o prefeito Moreira Franco pediu para eu continuar lá um pouco mais, porque ele era meu amigo. A mulher dele até hoje é minha amiga, Celina Moreira Franco. Eu aceitei ficar mais um pouco e ele me deu muito prestígio. Enquanto estive lá, houve realmente muita atuação política e as melhorias foram imensas na Ilha da Conceição. E quando nós formamos a primeira turma em datilografia, o primeiro lugar foi de um menino de 18 para 19 anos, pobre, filho de pescador, muito pobrezinho. Aí o Moreira Franco, no dia do encerramento do curso, disse: “Dona Violeta, a senhora falou de um rapaz daqui da Ilha que teve o primeiro lugar. Eu posso ver a prova?” Ele veio buscar o rapaz. “Neste momento,

eu o estou convidando para auxiliar de datilografia na prefeitura de Niterói.” Foi bonito isso, não é? Muita gente, na mesma hora, teve sucesso, como o menino, que hoje é datilógrafo da prefeitura.

Foi nessa ocasião também que se fizeram as creches, dona Violeta?

Foi, na época que a Celina estava aqui. Nós criamos o NOS: Niterói Obras Sociais. Eram várias senhoras da sociedade, ao lado de Celina, e trabalhávamos para criar creches. Ela tinha muitos modelos de creche, mas um sobreviveu muito bem: foi a creche da Ilha da Conceição. Ela criou uma creche, que é a mesma de Santa Rosa, com mais de 200 crianças, e até hoje funciona bem. As outras tiveram muito sucesso, mas essas funcionam até hoje: Ilha da Conceição e Santa Rosa.

Esse programa das creches era independente dos Centros Urbanos?

Ah, mas completamente. Não tinha nada que ver. Eu era do Centro Social Urbano como gerente. O doutor Fabrício que me nomeou, era prefeito interventor. E depois, quando o Moreira Franco assumiu, a Celina chamou todas as senhoras da sociedade. Eu sempre participava, porque permaneci na liderança e era sempre convidada. Nós nos reunimos com ela e foram criados os cinco modelos de creche, cada um com uma característica. O modelo funcional foi o que sobreviveu. Mas havia um modelo de colocação familiar, para quando a família ficasse doente e não tivesse quem tomasse conta dos filhos. O filho ficava nessa creche domiciliar até a mãe ficar boa. Não estou lembrando os modelos todos, mas eram muito bons.

[FINAL DA FITA 3-B]

Durante o governo Roberto Silveira, do PTB, a senhora fez algum outro trabalho ligado ao COSAM, além desse de Bom Jesus do Itabapoana, que era a terra do governador?

A minha cabeça não lembra, mas participei de vários, porque Inaiá Moraes, da Escola de Serviço Social, também era da minha equipe, me ajudou muito. Ela tinha dificuldade de viajar e eu, já viúva, tinha facilidade. Então eu ia a todas as cidades. Em Macaé nós fizemos um bom trabalho com crianças e criamos uma situação muito boa. Eu me lembro que todos os municípios que precisavam, recorriam ao COSAM. Mas eu não trabalhava sozinha, trabalhava com Inaiá e com todas as assistentes sociais do estado. Então, elas todas me ajudavam, inclusive as alunas, quando vinha convite bom, como o de Friburgo. As alunas aceitaram fazer um estágio lá. Então eu tinha sempre muita facilidade de pessoal técnico, e ia mais para fazer supervisão. Eu não ia atuar, porque eu não tinha tempo, mas fiz muita supervisão. Eu e minhas colegas, Nilda Nei, Arlete Braga, essas que eu citei, e muitas outras. Nair Mota foi uma grande colaboradora.

Vê-se que havia alunos que faziam estágios em outras cidades. A senhora mencionou Friburgo.

Havia sim estágios em outras cidades. Um grupo foi para Rio das Ostras criar um campo de estágio lá...

A senhora mencionou também que viajava.

Vamos falar sobre as viagens que, graças a dona Alzira do Amaral Peixoto, fui contemplada. Eu era diretora da Faculdade de Serviço Social e ganhei essas bolsas no tempo em que ela estava na liderança, junto do poder no Brasil. A primeira que ela me deu foi para Paris, para o Centro Internacional da Criança, por causa do COSAM, da influência do COSAM em todo o estado. Eu era uma pessoa indicada para ter essa bolsa. Tinha tido uma boa professora de francês e isso me deu gabarito para, com mais um cursinho particular, aceitar a incumbência. E lá fui eu. Fiquei três meses em Paris, num curso com mais de 20 representantes de outros países. Sempre muito

comunicativa, no final fui oradora da turma. E não era o melhor francês, mas deu; deu porque eu escrevi.

A senhora gostou desse curso? Ele foi importante?

Foi, aprendi muita coisa boa. Agora existe uma situação, acho que é nacional, brasileira, de não aproveitamento desses esforços. Eu e um rapaz, que foi também comigo, obtivemos uma série de conhecimentos formidáveis, mas nunca nos foi pedido no Brasil o retorno disso. Nós aplicávamos porque tínhamos uma porção de trabalho. Porém, dizer que aproveitaram... não. Nós entregamos os relatórios às autoridades competentes e ficou por isso mesmo.

Depois, fui a Buenos Aires. Não foi bem uma bolsa. Dona Eva Perón estava fazendo um trabalho social dito muito bom, com moças solteiras, e a LBA me mandou fazer uma observação. E, no pouco de tempo que participei desse programa, pude observar que absolutamente não era modelo para nós. Todas as moças que ela recrutava dizendo que salvava, tirava da miséria, aquilo tudo era muita política e pouca verdade. Eu trouxe o relatório, não era um programa que a LBA pudesse realizar.

Como era esse programa que Eva Perón estava fazendo?

Eva Perón tinha um trabalho grande com as moças pobres, as moças abandonadas, enfim. Foi um trabalho conhecido, por isso ela ficou famosa. Ela dava trabalho às moças e fazia, naturalmente, com que elas saíssem da miséria. Mas tinha gente que saía da miséria para outra miséria. Tinham assistência boa e depois se transformavam em vedetes. Não havia um acompanhamento, não havia uma continuidade. Ou, se havia, não deu para eu observar uma parte muito boa. Isso foi o que eu verifiquei no pouco tempo que estive lá, um mês só. Havia uma parte que não era para ser imitada por nós e eu dei meu relatório, me lembro disso. Mas isso foi pouco tempo, depois eu fui para os Estados Unidos. A primeira vez, fui com oito diretoras. Dona Alzira deu uma bolsa de estudo para oito diretoras de serviço social do Brasil, todas irmãs de caridade, menos eu.

Essas irmãs de caridade eram diretoras de escolas de serviço social públicas?

Das prefeituras locais, de todos os lugares. Sempre irmãs de caridade.

A senhora foi indicada pela Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social?

Pela ABESS. A ABESS escolheu oito diretoras e nós fomos passar três meses lá. Visitamos 27 estados, foi uma beleza de estágio para formação do assistente social! O curso era Educação para o Serviço Social, como eles faziam lá. O modelo americano era muito bom, mas quando nós saímos, havia uma capa de revista com um cachorrinho correndo atrás do rabo que dizia: “Serviço Social é isso” [risos]. Mas de qualquer maneira, tivemos um bom curso, experiências muito boas.

A senhora ia a universidades, a hospitais, a escolas?

Tudo. Em cada cidade, eles nos levavam a tudo que era importante em serviço social para a educação; era o curso. Quando terminou, por acaso, não sei porquê, eu é que tive que ler o relatório das oito diretoras, sendo que uma delas era religiosa, falava bem inglês e me ajudou no relatório. Como ela era religiosa, não quis falar e Dona Violeta falou na ONU.

Na ONU?!

Falei na ONU. A ABESS tinha alguma relação com a ONU, não me lembro o quê. Eu sei que o encerramento do curso foi na ONU.

Esse relatório falava o quê, Dona Violeta?

Falava da nossa visita aos Estados Unidos e da nossas observações nos diferentes estágios que tivemos. Tudo foi muito bom, muito utilizado, muito divulgado, porque nós divulgamos ao máximo esse primeiro curso. Aí, passaram-se os tempos e fomos convidadas para outro curso. Como

sempre, dona Alzira, pelo Departamento Nacional da Criança, dava um jeito de me mandar. E eu fui com Hilda El Jaick e passamos outros três meses fazendo um curso de desfavelização.

Foi o primeiro seminário internacional sobre esse assunto.

Tinha mais de 30 países representados e nós, representando o Brasil. Foi muito bom porque ficamos sabendo que a desfavelização lá era o oposto do Brasil. Aqui as pessoas vem se favelizar nas capitais, nos centros urbanos que precisam de emprego; lá não. Lá as pessoas se favelizavam longe, porque não queriam que os centros urbanos ficassem com favelas. Então, era para o interior.

E o que é que a senhora achou dessa política?

Achei que para lá valia, para aqui não. Para lá valeu, porque lá tem uma filosofia americana completamente diferente da brasileira. Nos Estados Unidos, a política de remoção era tirar das cidades as favelas e levar para longe.

Aqui no Brasil não ia dar certo porque não tinha trabalho?

Aqui não, porque no Brasil eles buscam mais o trabalho.

Esse seminário foi em 1963. Que outros países participaram?

Outros países, todos que você imaginar. Tinha representantes da França, da Alemanha, da Nicarágua... de mais de 30 países.

Todo mundo interessado nessa questão de remoção de favelas?

Em todos os países havia esse problema de favelização. Aqui no Brasil estavam começando as favelas.

A remoção das favelas.

A remoção e a construção de favelas. Eles estavam tirando as favelas dos centros. Aqui, as favelas são nas cidades, ao lado do Legislativo, ao lado do Executivo.

Mas durante um tempo não houve a intenção de remover as favelas? Tanto que foram criados a Cidade de Deus, aqueles conjuntos habitacionais...

Dom Helder Câmara, companheiro de muitos anos, sempre trabalhou para acabar com essas favelas. Ele criou aquela Cidade de Deus, tudo isso. Mas no Brasil ficou difícil, porque a favelização foi enorme. Hoje tem favela em tudo quanto é lugar, atrás de tudo quanto é lugar...

A senhora acompanhou o trabalho da Cruzada São Sebastião?

Não acompanhei diretamente, mas como era muito amiga de dom Helder, participei de algumas reuniões porque ele me convidava. Mas dizer que participei diretamente, não. Enfim, tivemos um passeio pelo meu mundo.

Há pouco tempo, a LBA foi extinta. Como a senhora recebeu essa notícia?

Com muita tristeza, porque a LBA foi uma grande instituição. Eu acompanhei de perto tudo que ela fez de bom no Brasil. Era uma grande instituição, até que a politicagem começou a penetrar. Penetra em tudo quanto é lugar, a politicagem. Porque política é a ciência do bem comum. Se fosse uma boa política, eu estaria apoiando. Mas foi a politicagem, e não a boa política, que começou a penetrar, penetrar, penetrar. Deturparam, roubaram, gente roubando, roubando, roubando... Só podia fechar mesmo! Foi uma tristeza para todos os legionários do começo, uma tristeza muito grande, mas só podia ser fechada. Do jeito que ela foi deturpada, só podia ser fechada.

A senhora tem alguma opinião sobre o programa Comunidade Solidária?

Eu recebi da Ruth, quando estava ainda um pouco na ativa, todo o trabalho para analisar e respondi que era muito bom. Mas eu já estava começando a me aposentar...

A senhora foi uma espécie de consultora?

Não, eu estava no Centro Social Urbano e fiz um contato pedindo a experiência para a gente colocar lá no nosso trabalho, e ela mandou. Mas aí eu já estava sendo substituída, estava me aposentando e não queria mais saber de novos trabalhos. Eu sei que ela mandou e as minhas auxiliares que continuaram devem ter aproveitado alguma coisa, porque eu acho o programa dela muito bom.

A senhora acompanhou esse debate sobre a Lei Orgânica de Assistência Social?

Eu já estava um pouco afastada, mas acompanhei sim. Porque depois que larguei o serviço, Ronaldo Fabrício criou aqui em Niterói, quando era prefeito, um CIEBS, Centro de Integração em Obras de Bem-estar Social. Ainda existe, e eu fui nomeada pelo Ronaldo Fabrício, com a equipe, para trabalhar nesse CIEBS – já tem mais de vinte e tantos anos. Eu continuei, paralelamente aos meus trabalhos, nesse CIEBS ao lado da Prefeitura. Todos os prefeitos me renomeavam, porque era de graça, era um trabalho voluntário. Eram nove, 10 pessoas voluntárias que trabalhavam na coordenação das obras sociais. Fizemos vinte e tantas feiras de comunidade. Até ano passado, eu ainda tinha uma reunião por mês com as obras sociais de Niterói, atuando nas feiras de comunidade, que agora pararam. Este ano pararam. A Prefeitura não está fazendo mais, o CIEBS não está mais funcionando.

Para concluir, como a senhora vê, hoje, o serviço social? Mudou para melhor? Tem coisa que melhorou?

Eu acho que, como tudo, todos os processos sociais, todos os programas e projetos que foram criados aqui e no mundo tiveram sua época de sucesso e, depois, de retardamento, até seu fechamento. No serviço social aconteceu a mesma coisa. O próprio serviço de medicina está aí revendo teorias e acabando com uma porção de coisas. No serviço social também. Eu me lembro que ainda estava na ativa quando fui ao interior do estado fazer uma palestra, que fiz durante 20 anos, num Rotary Clube: Eduquemos a Criança para Não Termos que Punir o Adulto. Essa palestra eu tenho escrita, e fazia em todos os Rotarys. Quando fui visitar o hospital de lá, procurei a assistente social. Estava no gabinete e eu perguntei como era feito o serviço social. Ela disse: “Eu, daqui do gabinete, mando as minhas auxiliares para visitar as famílias.” Veja só, ela tinha que fazer um contato família-cliente hospitalar e mandava as auxiliares, algumas quase analfabetas, fazer as visitas domiciliares aos doentes. Ela ficava no gabinete. Eu fiquei surpreendida e disse: “Mas minha filha, você é tão jovem. Serviço social não é isso, não é trabalho de gabinete não; é trabalho de campo. Você mesmo tinha que fazer as visitas, acompanhada de auxiliares para ajudar. Aí, tudo bem. Mas a visita domiciliar, a relação entre o cliente e a família é do serviço social formado, não de meninas que você manda para lá.” Quer dizer, tive uma decepção imensa nesse pequenino local, aqui do Estado do Rio. E isso acontece em todas as profissões, em todas... O serviço social tem seu lado bom e seu lado ruim.

A senhora acha então que hoje se está vivendo um momento difícil no serviço social, no sentido de que a profissão está tendo problemas?

Sim, porque a profissão mudou completamente. Quando foi criado, o serviço social não buscava combater a mentalidade de assistencialismo. Porque no Brasil, tão necessitado, não é possível você querer acabar com o assistencialismo, que tem que haver na primeira fase, para depois melhorar e se fazer o serviço social. Então, em lugar de dar o peixe ao homem necessitado, você ensina esse homem a pescar. O serviço social é isso: ensinar a pescar e não dar o peixe hoje e a vida inteira, e a pessoa ficar dependente desse peixe. É educar a pessoa a se educar por si própria; dar todos os meios e condições para ela se tornar independente. Isso é que é serviço social. A gente ajudar a ser, este é o lema. Então o primeiro passo do serviço social é o assistencialismo. Você tem que colocar o homem de pé para depois trabalhar com ele, para que ele seja alguém. Não é difícil. Existe em muitos lugares, onde a coisa é levada a sério. Mas é como na medicina, uma profissão antiga em

que agora está havendo uma porção de problemas, erros médicos. Eu não sofro com isso, pois o serviço social é uma profissão muito nova, depende do profissional.

Então é uma profissão que está se transformando muito?

Eu creio que sim. As próprias assistentes sociais que estão em campo e que funcionam bem, elas próprias são as transformadoras do serviço social, e para melhor, acredito.

Então a senhora acredita que o Serviço Social tem um papel importante no país?

Tem, muito importante. Tem papel importante sim. A questão é que seja dada a oportunidade a ele de fazer um serviço bem feito.

Só para encerrar, a senhora quer dizer algumas palavras?

Nos meus mais de 90 anos de vida, conheci duas jovens, chamadas Ângela e Dulce, que me tentaram pela proposta de trabalho que têm. Eu acho uma coisa linda quando a pessoa, em qualquer idade, em qualquer época, assume, com responsabilidade, um trabalho da natureza dessa que vocês estão fazendo. Meus parabéns e que continuem a ter sucesso, são os meus votos para vocês e para seu trabalho. Amém. Um beijo no coração de cada uma de vocês.

[FINAL DO DEPOIMENTO]